

REGISTRADO  
PRIORIDADE  
VIA JECUE

REGISTRADO

0800

DESTINATARIO: La Perla de Da Silva Sentado  
ENDERECO: Baco sem Aida  
N.º Meia dúzia



# CARTOGRAFIAS

13 outubro 2016

Ano 06

Número 06

ISSN - 2236 9570

BRASIL  
Imaginar

revista  
mangues  
& letras

## Expediente

Organização e seleção de texto: Tânia Maria de Araújo Lima

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa; William Brenno dos Santos Oliveira

Arte final da capa e contracapa: Tânia Lima

Contato - email: manguesletras@gmail.com



## Correspondentes literários

ângela de santa rita, queila rodrigues, jonhatan s.gomes, mima, silvia barbalho brito, marcos falchero falleiros, paula pires, márcio de lima dantas, lúcia lucena, carlos emilio corrêa lima, thayane morais, igara dantas, joão batista de morais neto, isabela coelho, maria literária, stênio victor, bárbarah alves, isaac luna, raul ávila agrella, fabrício guto de Souza, marjorie medeiros, canniggia carvalho, hebert de santa rita, fátima lima, vinícius azevedo, igara dantas, maísa andrade, geni mendes de brito, jan clefferson, carlos eduardo galvão braga, fernanda meireles, tania lima, alexsandro lino,

## Editorial

É para você que escrevemos esta revista em forma de carta, "meu igual, meu irmão, leitor". Nossa missão é entregar cartas ao século XXI. Por que escrevemos missivas em revista? Não temos respostas. A revista não tem fins comerciais, mas educativos. Nascemos incumbidos de escrever epístolas. As cartas aqui colecionadas foram recolhidas ao longo de três anos, quando ficamos a procurar cartas em sites. Muitas cartas não chegaram a tempo de entrar neste envelope de cartas. Embrulhamos cada bilhete sem uma lógica temporal-linear. O tempo das correspondências é de alguma forma incompleto, inacabado. Embaralhamos as mensagens no túnel dos livros antigos. Havia lembranças acompanhando a travessia das palavras em seu estado embrionário afetivo. Percebemos também que as cartas da atualidade vem sendo registradas dentro de infinitos blogs por onde transitam as interseções internautas. Precisamos sair batendo de porta em porta, fechando e abrindo sites, embrenhamo-nos nas teias dos blogs. Saímos pelas ruas encruzilhadas coletando cartas como quem abre novas formas de lidar com o mundo que aí se apresenta

## Conselho Editorial

Enilce Albergaria (MG) ; Henrique Eduardo de Sousa (RN); Fábio Vieira (RN); Marcos Falleiros (RN); Fátima Souza (AM); Elio Ferreira (PI); NegrAnoria d'Oxum(BA); Rosanne Bezerra (RN); Assunção de Maria Sousa e Silva (PI); Tânia Lima (RN); Derivaldo dos Santos (RN); Marcio de Lima Dantas (RN); Carlos Emílio Correa Lima (CE); Elio Ferreira (PI); Rosilda Bezerra (RN); Carlos Negreiros (RN).

# cartas críticas

revista  
**mangues  
& letras**





Alda Espírito Santo - por Antônio Domingues 1952

Pikeville, 10/8/74 9.11.74  
 Um abraço muito grande  
 te envio aqui de muito afecto.  
 Entre as fronteiras da opulência  
 africana, possam ter um  
 certo praxo, uma realidade  
 objectiva, que o nosso país  
 de Angola, seja, tenha o  
 sol da verdadeira liberdade  
 e que o teu contributo  
 seja um pilar gigante  
 para barrer o colonialismo  
 e construir uma terra  
 dignificada, não os

meus maiores votos.  
 Meus amigos, dos velhos tempos  
 da nossa juventude, em que  
 subivamos em «a longa  
 marcha» com tanto entusiasmo  
 para que o mundo se  
 lembre da existência dum  
 pequeno arquipelago, o Funchal e  
 o Príncipe, que tem também  
 directa a conquista da sua  
 independência nacional.  
 Desde já, um abraço  
 muito grande.  
 Assim, regresso à ilha  
 para perseguir a nossa  
 luta.  
 Um beijo à tua mãe.  
 Um grande abraço da amiga  
 de sempre Alda «A vitória é certa»

## Carta Alda Espirito Santo

Estimada Chimamanda Adichie,

Ao seguir a trilha das impressões florescidas no encontro com sua literatura, início pelo fio das lembranças e retorno a uma das primeiras leituras que fiz de um autor africano, Amadou Hampaté Bâ, sobre o poder da *palavra*. A potencialidade do dizer inaugura e recria mundos. Nas sociedades em que a oralidade tem raízes, a *palavra* é o próprio ser humano. Tudo, material e imaterial, se liga por meio dela.

Refiro-me a essa leitura em particular porque percebo que, enquanto mulher, apropriar-se da palavra, ter consciência do seu valor ilimitado, como aponta o pensador malinês, tem força para abrir caminhos pelos quais podemos questionar os silêncios. Acredito ter encontrado muito dessa reflexão em sua literatura, e as possibilidades vislumbradas a partir dela me conduziram também a um entendimento que transpõe os signos no papel e articula um discurso, um olhar sobre a situação da mulher em nosso tempo. Um olhar diferente sobre mim mesma.

Em uma das suas falas, que inclusive teve grande repercussão no Brasil, você confidenciou que em sua família são mantidos princípios tradicionais que excluem a participação feminina das grandes decisões. Seus conhecimentos sobre a história e os antepassados são desconsiderados somente pelo fato de ser mulher. Assim como para você, as sanções no ambiente em que vivo ainda são muitas. Minha família tem raízes no sertão do nordeste brasileiro, lugar onde se conserva uma tradição rica, mas que reforça costumes machistas.

Embora a história do meu povo seja de força e preservação dos laços que unem o ser humano à natureza provedora do seu sustento, nossa memória cultural também é composta de lacunas causadas pelo preconceito de gênero. Somente quando decidi deixar a casa paterna, estruturada sob o poder masculino como de costume, foi que percebi



claramente as implicações desse preconceito no que sou e tive condições de combatê-lo.

No fim das contas, sei que é impossível evitar as lacunas. No entanto, pela força que transborda de escritoras como você, tais vazios podem ser preenchidos por meio da palavra dita pelas mulheres, impedidas que foram de explorar essa fonte tão cara ao ser humano. Suas personagens demonstram isto.

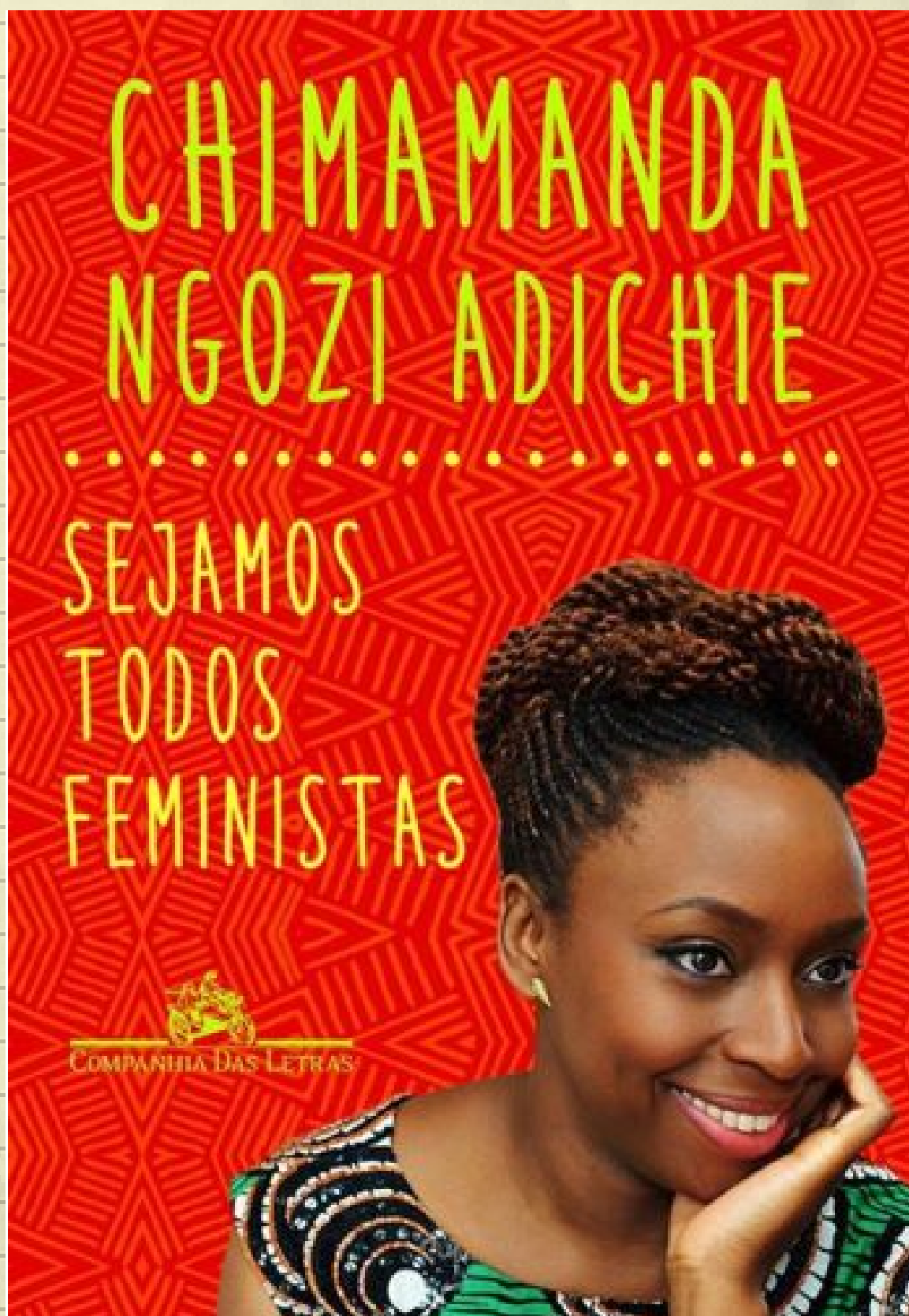
Uma mulher nigeriana que reivindica o direito à palavra e narra por si própria e pelos seus. Não tenho ideia se em algum momento você teve uma visão como esta de si mesma, mas do lugar de onde a vejo, penso nesse ponto como uma característica de sua escrita. Sua literatura, antes de tudo, atende ao que acredito ser o objetivo de toda expressão artística: levantar dúvidas, desestabilizar os sentidos, impulsionar ao desconhecido.

Chimamanda Adichie, obrigada por suas histórias. Obrigada por demonstrar em sua fala o quanto nós, mulheres, somos desdobráveis.

Com grande apreço de mais uma admiradora de sua literatura.

Thayane Morais







## Carta à Cesária Évora

Querida Cesária,

Se hoje reservo uma parte do meu tempo para te escrever, é porque gostaria de expor meus pensamentos e sentimentos sobre o que sinto e como a vejo na figura de mulher, mãe, africana, artista, e acima de tudo, como alguém que encantou o mundo com um estilo musical marcante que caracteriza a vida de um povo: os cabo-verdianos. Também me senti motivada para te escrever e relatar um pouco da minha impressão sobre

tua tão amada ilha de Cabo Verde e as temáticas cantadas por ti neste melodioso e nostálgico ritmo musical que são as 'Mornas. Aprendi que a 'morna é um "canto que evoca coisas distantes que só existem além do pensamento e deixa vagos instantes de nostalgia". De fato, cara Cesária, quando te ouvi pela primeira vez cantando "sodades", me senti como transportada para os lugares que havia passado, revisitado as pessoas que tinha conhecido e reencontrado os amigos deixados pelos rincões em que andei. A primeira vez que a vi cantando, foi em um programa de televisão realizado em 2005 no Canecão- Rio de Janeiro. A tua figura de mulher negra, de vestimentas simples, de olhar humilde me marcou profundamente. Logo que você começou a cantar, senti uma profunda emoção. O canto em si já mostrava esta característica tão marcante do sentimento 'saudades'. Considero que nós, brasileiros, cara Cesária, somos um povo irmão dos cabo-verdianos naquilo que nos aproximam: a saudade. Não existe uma distância quando vivemos os mesmos sentimentos. A dor da partida e da chegada nos é vivenciado em cada momento, em cada canção. A 'saudades' torna-se um sentimento enraizado em nossos corações de povos nômades e sofridos.

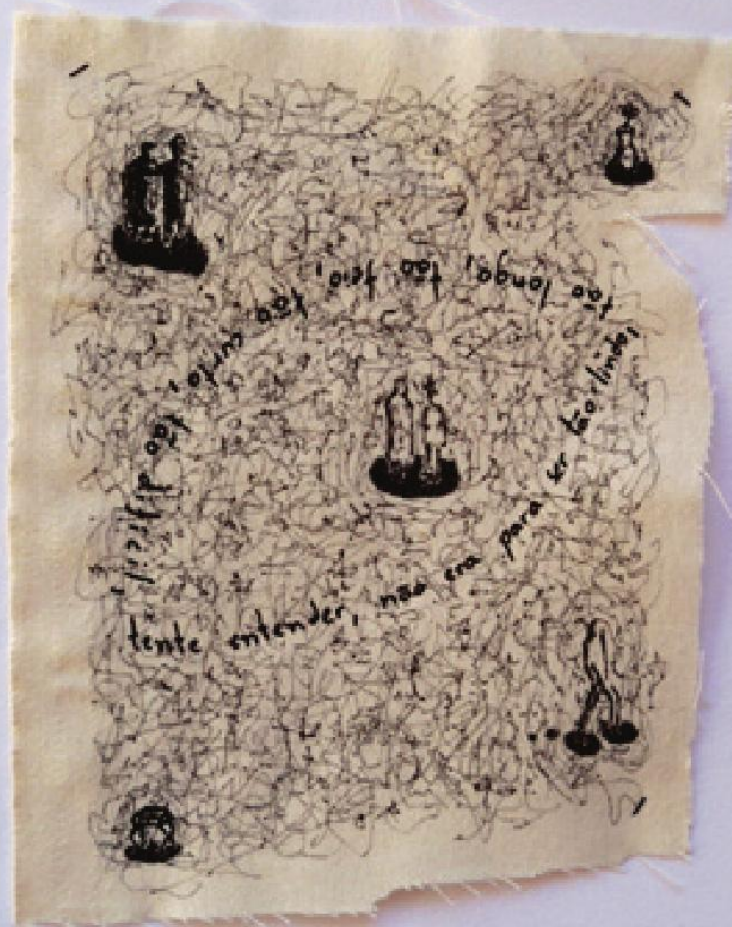
Mas algo que me chamou a atenção, foi o fato de você entrar no palco descalça. E lendo um pouco sobre seu percurso artístico, aprendi que desde sempre você gostava de andar descalça. Segundo informações, você ficava descalça para se mostrar fiel à liberdade de espírito que sempre manteve, fazendo questão de "provocar" e "chocar".

Em entrevista você mesma chegou a dizer que "Calçou os sapatos duas vezes. Uma para cantar no Grêmio e a outra para cantar no navio-escola Sagres". Andar descalça viria a transforma-se na sua imagem de marca, que sempre a acompanhou em toda a sua carreira. Para mim, Cesária Évora, você não

é só a "cantante de Mornas", mas é uma mulher africana, artista, uma guerreira que lutou contra os preconceitos, e que com voz suave e penetrante, canta seu "Miss perfumado", canta a nostalgia, moldada em ternura. Canta a sina de uma vida que fez História desde uma Ilha chegando a diferentes mundos. 'Morna' são as pedras, são as rochas, é o 'Porto Grande' e abarrotado de navios sobre o céu de Cabo Verde. Você é essa "Diva descalça" com voz marcante que se instalou em corações de todas as línguas, e em especial no meu coração de mulher que nos meus momentos de dor, canto a minha saudade. Querida Cesária Évora, mesmo ausente de corpo físico no meio dos que te conheceram e te amaram, você continua cantando em nossos corações, em nossas memórias. Você é este patrimônio universal vivo nas nossas lembranças, de todos os povos, de todos os que amam a música e a arte; e que está presente na história da música tanto de Cabo Verde como na história da música universal.

*Geni Mendes de Brito*





35. tao.

## CARTAS DE PAULO LEMINSKI: SINAIS DE VIDA

Joacy Ghizzi Neto

ED

WILLIAM S. BURROUGHS  
ALLEN GINSBERG

---

*Las cartas  
de la ayahuasca*



ANAGRAMA  
Panorama de narrativas

2532331-365

PAG. 05

Re: Book one you proposed your letter  
Dec. 26, '83:

Howl selections are OK  
is minor poem

Baggage Room

Address: selections you describe are OK

Reality Sandwiches

~~Subject~~ Schepman is OK but minor  
Havana is minor (but geographi-  
cally topical & funny)

Barrois work of

"Rare" is a poem in English/American  
on both Orr + Bars. Use  
your judgement + delicacy of  
numbers: aesthetic charm.

Whitman theme - OK

Palant Catullo - please pay attention to the original Catullus form  
- hendecasyllables + Quantitative measure, to  
the extent that you can. line 12 shd. read "hot lips"  
not "hot lip"

Dream Record - OK

Fragment 88 - (This is a smaller poem than several on  
the same theme but larger more explicit of that)



# JACK KEROUAC

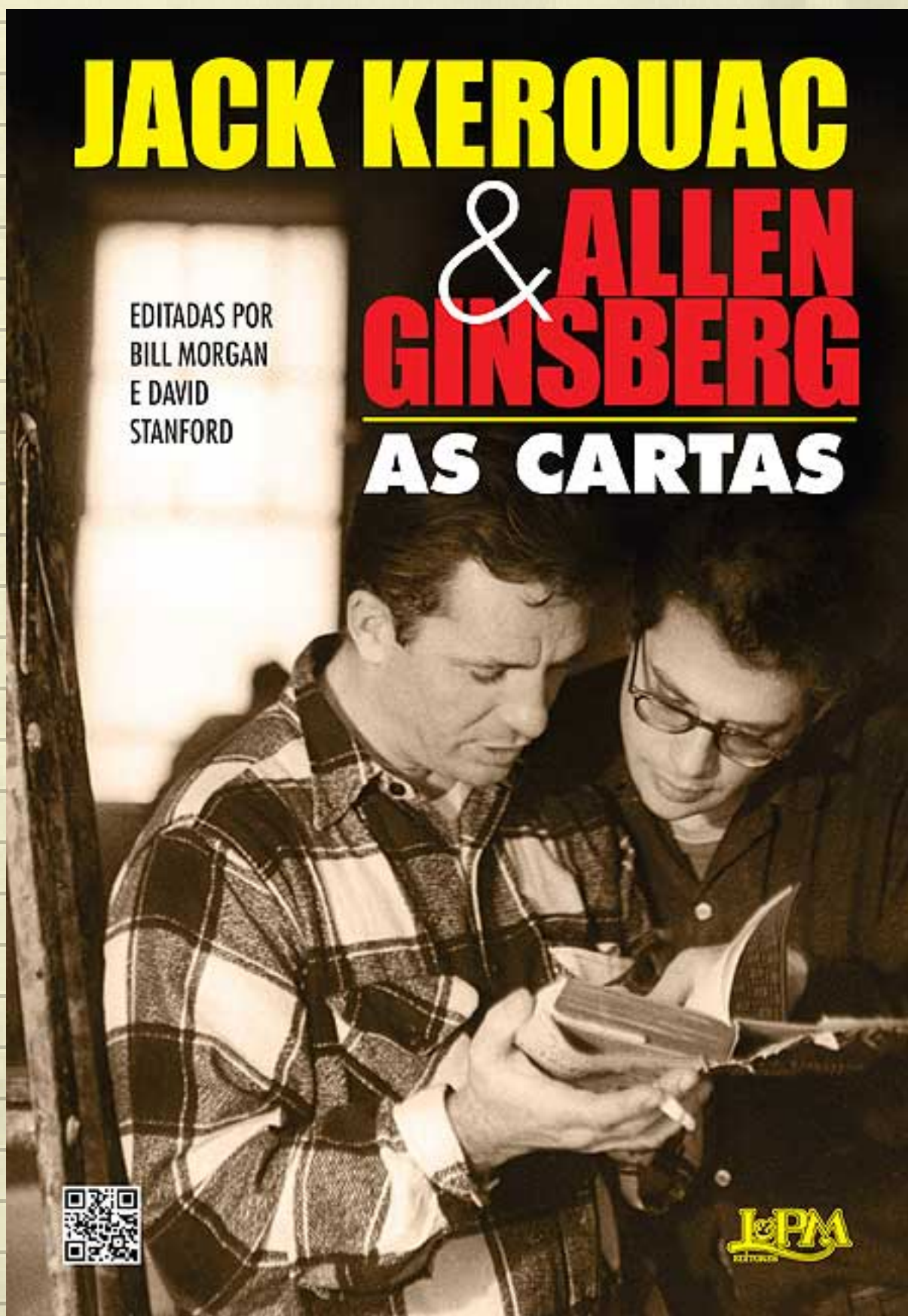
# & ALLEN GINSBERG

EDITADAS POR  
BILL MORGAN  
E DAVID  
STANFORD

## AS CARTAS



**LePMA**  
Livraria



TORQUATEANA

Ana esteve aqui ontem.

Que mulher mais linda, meu Deus!

Ana fala,

Ana fuma,

Ana diz coisas fundamentais,

pois sinceras,

honestas,

simples,

bonitas.

João Batista de Moraes Neto

Heloisa Buarque de Hollanda

# 26 POETAS

# HOJE

ANTOLOGIA

Adauto de Souza Santos  
Afonso Henriques Neto - Ana Cristina  
César - Antonio Carlos de Brito  
Antonio Carlos Secchin-Bernardo Vilhena  
Capinan - Carlos Saldanha - Chacal - Charles  
Eudoro Augusto - Flávio Aguiar  
Francisco Alvim  
Geraldo Eduardo Carneiro  
Isabel Câmara - João Carlos Pádua  
Leila Miccolis - Leomar Fróes  
Luiz Olavo Fontes - Ricardo G. Ramos  
Roberto Piva - Roberto Schwarz  
Torquato Neto - Vera Pedrosa  
Waly Sailormoon - Zulmira Ribeiro Tavares





## VILA HELENA

Dez horas anoitecidas e mesmo a padaria já não está aberta.

O vulto dos vizinhos está dentro do pijama em suas casas.

Na fina torre de Eternit da igreja  
a luzinha vermelhinha pisca pro ABC.

Longe os ônibus vazios passam estremecendo a rua  
e os postes esperam com luzes civis à espreita.

Graxas metalúrgicas hospedam-se nesse navio sem chegar.  
Sem mar, sem Popeye, sem estrelas, sem ventura (sic).

A cidade parece um barulho de lodo e mar químico.  
As portas de ferro do supermercado não se parecem com nada.

Marcos Falchero Falleiros



## Vik Muniz - The Sarzedo drawings –

### Envelope 2002

"Ha um tempo eu queria ter essa conversa com você. Mas não encontrava forças, meios ou até mesmo qual quer desculpa para poder tocar nesse assunto. Entretanto percebi que se não falasse continuaríamos nesse jogo de quem faz mais silêncio. Reconheço que você tem sua parcela de atenção para mim, mas eu também percebo que sua atenção é direcionada apenas para aquilo que te mais agrada. Porém essas coisas não me agradam de forma alguma. Sua felicidade está apenas em ver fotos, futilidades do dia a dia, cobranças

infantis e falas tão infantis quanto suas próprias ideias em relação a mim e aos outros a minha volta. Você tem ignorado o que há de bom em mim e ressalta apenas minhas desventuras, falhas, malícias e o que há de mais subterrâneo no meu ser. Me deu vícios, mal hábitos, desejos efêmeros, sentimentos estrangeiros que até hoje deturpa meu ser. Não sou tão frágil quanto um casulo de borboleta, mas você me tornou uma pessoa submissa a seus desejos egoístas e oportunistas. Não dá mais para levar isso a frente. A partir de hoje te darei atenção suficiente para que não me esqueça. Pois as memórias e as feridas permanecerão. Mas nossa relação hoje chega ao fim. Abraços e até mais, *Facebook*."

Jonathan S. Gomes.



Em um muro da cidade potiguar. Autoria desconhecida.

Acervo fotográfico de Tânia Lima

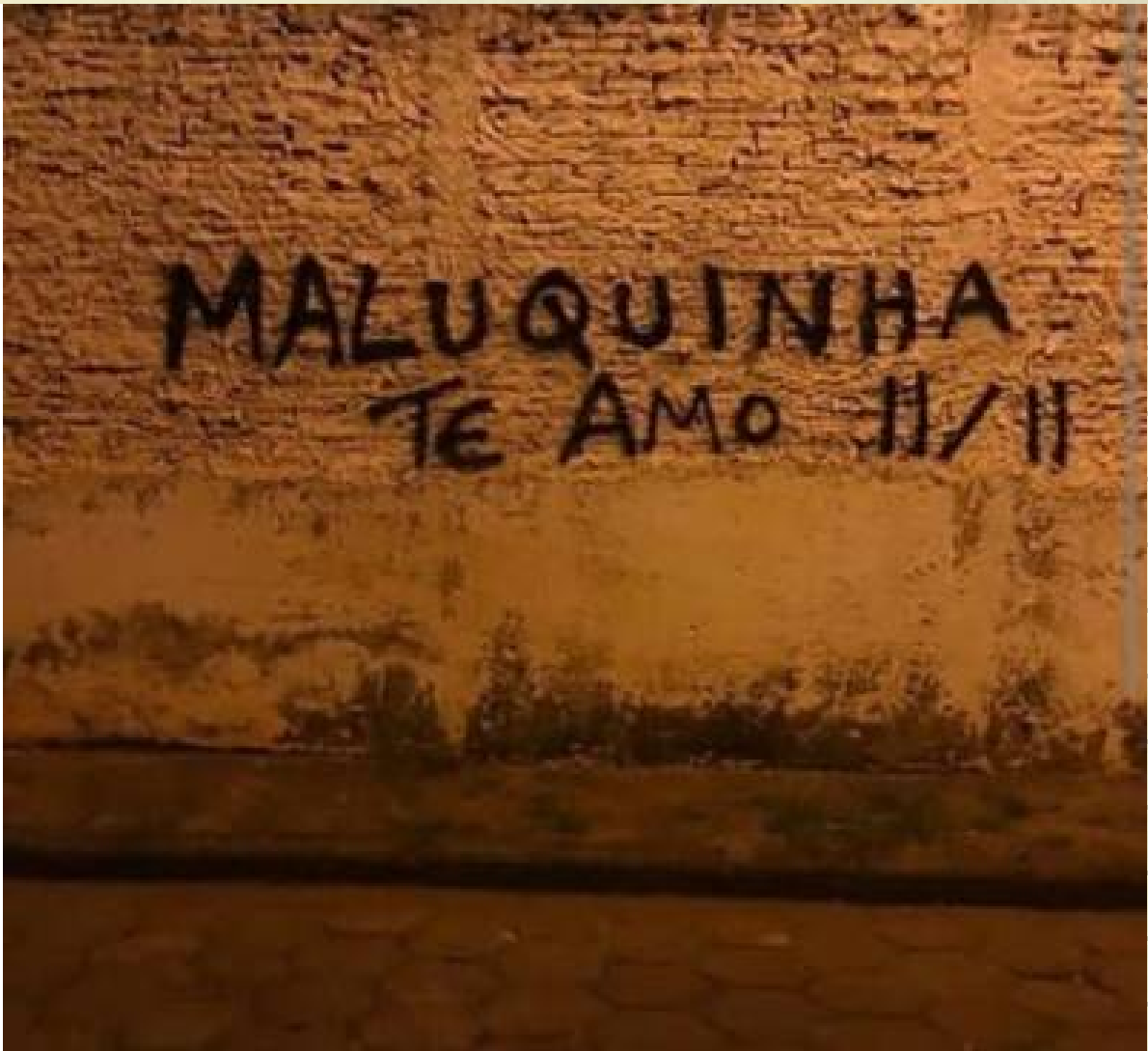


## Coração tatuado

*pra Julica*

Quase num domingo azul  
Próximo da casa de nosso pai  
havia um muro imenso de lodo  
que apareceu um dia todo pichado  
com mensagens de amor  
endereçadas ao meu nome  
Nossa alma na época  
vivia de juventude  
a roubar goiabas nos quintais da rua abandonada  
Nosso pai viu naquelas ranhuras um despropósito  
era apenas um verso anônimo grafitado num muro velho  
Chegou em casa e me disse com seu bigode grave  
sem tocar em palavras ou oferendas:  
Vá limpar aquele muro, minha filha!?  
Aqueles eram meus lampejos  
Passei uma noite a cal  
sem conseguir retirar os grafites  
e sem abusar da borracha para isso  
Parecia que aquela parede que  
fora batizada com meu nome  
era um recado do anonimato  
É certo que a autoria da pichação  
nunca me apareceu.  
Ali, tive minha primeira lição  
de indisciplina amorosa

Tânia Lima



carta grafite

Oi :)

Conseguí encontrar seu e-mail no sigaa, hehehe  
 Tá boa? eu tô. falo da casa dos meus pais, vim especialmente pra ver meu irmão, que há alguns anos

foi mandado pra morar longe e agora veio fazer essa visita. logo volta.

Estou aqui com meu gatinho gorducho dormindo do lado do computador. Vi uma matéria que me lembrou de você... resolvi mandar o e-mail sobre o clipe que gostaria que visse e te mostrar a matéria.

Veja que bonito:

<http://diarioecologia.com/mariposas-que-beben-lagrimas-de-tortuga-y-no-es-el-titulo-de-un-poema-es-la-magica-realidad/>

Acho que foi a delicadeza e ser sobre tartarugas que me fez recorde de você.

O clipe que eu queria mostrar é este: <https://www.youtube.com/watch?v=QTSckymd5MM>

Trata sobre um passar de tempo muito singular, reflexo de um profundo senso de solidão e uma vida de opressão.

Quando você fala sobre as opressões aos corpos femininos sempre fico lembrando desse clipe e querendo que você veja. Acho lindo e me identifico profundamente com essa solidão que contempla a natureza envelhecer a partir de uma janela. olhos são janelas.

Beijos de vento, Isaac Luna

GABINETE DO MINISTRO

22-1-1900

INDUSTRIA

43

Pasta IX doc 43

Meu caro Verissimo,

bomto e' la loja,  
mas para o caso de  
nao poder fazer, fica  
V. avisado de que este  
hontem com o Thayde,  
e expus-lhe as razões  
para dar alguma cele-  
ridade ao negocio. Ati-  
boja ou breve. O Velho e'

Machado de Assis



## CARTA AO POETA SEM NOME

Parecem formigas em dia de chuva. Marcham equilibrados no rastro forjado pela modernidade. Um ter que ir e vir. Um ter que levar e trazer. Um ter. Multidão de olhares paralelos negando o cruzamento no infinito. Homens-horizonte, grudados ao chão. Então, você.

Você surge na perpendicular. Pendular. Movimento constante entre o tudo e o nada. Entre o certo e o errado. Entre o ser e o devir. Salta e livra-se da

cartografia. Projétil lançado ao infinito. Saco plástico em queda livre colore de transparente o azul. Rouba-lhe o equilíbrio. Então, eu.

Eu vértice. Nós dois, triângulos no chão. Meus braços devolvem o movimento estático de sua contemplação. O plástico inerte. Pares de olhos alforriados da agonia encontram-se. Você sorriso, eu mão. Num quase aceno.

Nós dois, soluços reprimidos. Desejos de materna eternidade. Entre o tudo e o nada, entre o certo e o errado, entre o ser e o devir: palavras. Escritas. Meu endereço. O tempo mancomunado com a distância trouxe você tarde demais. Estou longe para me tornar verdade.

O desenho do caracol enrolado, estacionado fora da carapaça, não entendo. Esperava palavras... Fico sem resposta. Outro envelope e o silêncio. Sem voz permaneço e finalmente elas. Parcas.

As que nomeiam destinatário e remetente. Desfeito o envelope, palavra solitária pede sentido. No papel manchado de linhas, impera único termo: poesia. Sibila na memória a imagem do som. Surge a vontade de lançar a língua nos dentes e viver livre das estruturas. P... O... E... S... I... A...

O som atravessa minha cabeça, equilibrado num fio armado entre as orelhas. A voz da leitura perfura a concha acústica direita, percorre o miolo ganhando sentido. Ao chegar à concha oposta, salta. Do lado de fora há luz e melodia.

Do percurso vivido, uma pergunta: no mundo chamado papel, o que veio a ser poesia? Contrariando seu peculiar minimalismo, devolvo estas linhas decoradas com letras. Se mais ou menos preenchidas de sentido, não escravize a resposta. Empréstimo-me.

Neste que se faz intervalo, entre o tudo e o nada, entre o certo e o errado, entre o ser e o devir, entre a minha pergunta e a sua resposta: penso. A

poesia está para o silêncio. Na ausência do dito, a gente se encaixa. Engraçado. "A gente se encaixa...". Não eu e você. A poesia (seus conjuntos vazios) e quem lê.

As linhas paralelas. É isso! (Euforia. Euforia.). As linhas paralelas na folha do caderno. (O nosso momento). Os olhares da multidão embevecidos consentem o não encontro. Descartam o cio do cruzamento. E nós dois escritos naquela página. Quebramos as regras e fomos arestas num instante. Tornamo-nos poesia concreta. Então poesia é isto? A existência sibilante sobreposta à vida plana?

Tripulante desta embarcação chamada livre interpretação, já percebo o caracol. Enrolado sobre si mesmo, longe de sua carapaça, é ponto de convergência entre os olhares. Seria o animal poeta?

No poente desta carta, descortino os fatos. Não fosse você quem é: seu caracol, seu silêncio e sua palavra seriam brincadeiras de gosto infantil? Descubro no curso do quase último parágrafo que a infância e o estar poeta possuem única e relevante coincidência, o potencial para a subversão semântica.

Um filósofo me disse, em livro lido, que a literatura existe como porvir. Estaria no plano virtual, anterior à execução da palavra. Fomos poesia até o momento. "A ponto de partir, já sei que nossos olhos sorriem na distância".

Maria Literária







Deífilo Gurgel - Poeta e pesquisador de cultura popular. Foto de Giovanni Sérgio Rêgo

## ETERNAMENTE DEÍFILO

Carlos Gurgel

Papai sempre foi uma árvore. Frondosa, como uma sombra sábia e educada. Papai sempre se vestiu de paz e da alma do povo. Através do qual, produziu, por sobre milhares de revelações e descobertas, uma intensa luz, límpida e audaz, onde construiu seus castelos e abençoadas fontes. Por onde andou, como um mártir de muitas estradas, buscou sempre o humilde, o raro, o inquebrantável canto de todos aqueles que fazem parte de uma enorme constelação, repleta de vida e anúncios. Com seus olhos, percebeu que o mundo, assim como seus dias e suas noites, era como uma armadura, um farol, um porto, repleto de relíquias e reinados. Foi assim, por um bom tempo, que palmilhou nosso chão, como um missionário espalhando seu suor e

sorrisos. Um incansável, sempre, protegendo o desejo de todos aqueles recantos, quando se benzia e enfrenta o escuro e os seus dragões. O amor de papai para tudo que reluz essência, raiz de uma gente, sempre fez dele um guerreiro, um solitário batalhador de loas, brincantes, romances, rezas, promessas e dos anônimos de uma roça onde se dança cheganças, e de pífanos que anunciam a disputa da celebração do amor e da amizade. Com papai, todos esses caminhos foram trilhados. E como uma jura, ele fez do brilho das suas visitas e apontamentos, no meio das comunidades e sertões, o seu maior prêmio. Humano ao extremo, uma criança tão dócil, que, ao primeiro encontro, já conquistava todos como se fosse uma grande confraternização do tempo e de tudo que lembra alegria e bondade. Assim foi papai. Imenso no seu caráter. Um ser que vai fazer tanta falta, que nem imagino o que possa acontecer, quando o vento e os seus faróis, prenunciarem que a cidade e o seu povo, clamam por suas sandálias e seus garimpos. Eu, como filho progênito, ao invés de derramar lágrimas, sorrio; porque sei que lá do infinito céu onde papai se encontra, a folia que ela capitaneará, farão de todos os presentes, uma enorme chama, como deve ser para um homem que sempre procurou pelas palavras, como quem garimpa o ouro e o espírito de todo aquele que crê. Pois tudo que ele pronunciou e criou, alimenta o coração do povo que ele tanto amou e entregou sua vida. Amo-te muito, muito mais do que o tempo disser.



cartas que cozinham doces: Cora Coralina



# O Banquete.

Silviano Santiago.



UNN

EDITORA SAGA

## CARTA-CONVITE PARA SILVIANO SANTIAGO

Natal, 20 de julho de 2016.

Caro Silvano Santiago,

Como é de se esperar (mesmo de mim que detesto uma fala excessivamente justificada), uma razão especial motiva a escrita desta carta: gostaria de convidá-lo para jantar em minha casa. A razão do convite é literal (convidá-lo para compartilhar uma refeição), inconfortável (possuir da sua presença para que eu possa devorá-lo) e ambígua (posso dessa maneira dar-me para que algo meu você prove).

Não estranhe. Já jantei diversas vezes em companhia de seus textos e da sua "personagem moderna", o Silvano-autor. Distante do enaltecimento daquele suposto prestígio do indivíduo autor, meu convite agora é direcionado ao Silvano-leitor: o leitor de si mesmo. Eu já reconheço sua voz, sua origem. Não quero explicações sobre as obras. Agora e aqui, quero promover a fuga desse sujeito, retirar a identidade e fazer vibrar o texto em sua multiplicidade. Por isso, não há título algum antes do seu nome (explico-lhe para que saiba que a falta de decoro foi proposital). *O que significa ser poeta, escritor, professor, ensaísta, teórico, crítico? O que lhe define? E mais: para que devo tentar decifrá-lo e defini-lo?* Nesse jantar, vamos sumir com designações, venha sem história. O autor estará ausente.

A mesa também será desconstruída. Não há horário para a refeição, ela não demarca o ritmo do cotidiano. É sem regulamentação: venha hora que quiser, e não teremos hora para acabar. Ela será palco e bandeja (e não vitrine) para comer, saborear e falar, sem instauração de conforto. Os sabores são explosões, a fome é um desejo violento, por isso não procuro por normas e privações, dispensemos o ascético e os ritos de comunhão: é para comer e se esbaldar. Pratos servidos, começa o espetáculo: olhos atentos, aromas, consistências, ruídos.

Já tive vários desses jantares. Sem muita compostura, deixei rastros e vestígios desses encontros: *De cócoras* tem suas páginas manchadas de digitais de chocolate. *Uma história de família*, de café com leite (sugestão do próprio protagonista e de Tio Mário). *O Banquete* possui graxinha de frango, suco de maçã e pingos de sorvete. *Vale quanto pesa* está borrado por caldo de feijão. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* possui alguns pontos de ketchup. *Nas malhas da letra* tem cheiro de chá preto. De *O cosmopolitismo do pobre* caem algumas cascas de pão. Já *Uma literatura nos trópicos*, eu levei a praia, está com caldo de caranguejo. Não seria o caso de comer as páginas dos livros - tão cheias de sabor? Sim, seria. Mas como eu poderia então

comê-las de novo? Por isso, como as palavras, devoro-as como uma refeição. Você é meu cozinheiro.

E o que seria este cozinheiro da literatura? Silviano, para mim, você apaga dos seus textos as barras de ferro: possuir aquela voz de Messias, a postura autoritária, a permanência no controle discursivo. O que sinto nos seus escritos é o convite para uma deliciosa refeição. Não há escritor. Não há leitor. Não há texto. Há cozinheiro, há ceia, composta de pratos desconhecidos. Posso descobrir quantas cores, cheiros e sabores neles?

Com este apetite, realizei o *mise en place* do jantar. Os sabores de seus textos não chegam a mim como objetos, mas como práticas, como escritos. Pretendo ofertar a você um banquete ao instaurar uma discussão sobre o seu fazer literário (por meio dos seus textos críticos e literários, principalmente, *Uma história de família*, *De cócoras e O Banquete*), investigando a potência da literatura como expressão artística desterritorializada. Farei isso por meio das reflexões do pensador francês Roland Barthes, essencialmente do conceito de cozinha dos sentidos (*A aventura semiológica*), considerando as afinidades entre saberes como literatura, estética e filosofia para situar instâncias em que o jogo da expressão das subjetivações criadoras fissure as manifestações discursivas dominantes.

Na cozinha dos sentidos vislumbra-se o ato de "cozinhar", a feitura do prato, a mistura de ingredientes para gerar o novo. Ele nos convoca a sermos cozinheiros de signos: olhá-los, cheirá-los, cozinhá-los, saboreá-los, digeri-los e excretá-los - isto é, questionar e mudar a leitura, desnaturalizar o signo e dar atenção ao constante processo de produção de significados. A alimentação é aqui concebida como um sistema de signos. Através da linguagem, a alimentação faz significar sentimentos, afetos, erotismo, resistências, crenças, proibições ou tabus, morte, vida, transgressões que consistem em significações humanas em permanente transformação. Nós produzimos e devoramos alimentos como produzimos e devoramos signos. O ato de cozinhar é tratado aqui como uma ressignificação de signos. Compreender que o signo está aberto a uma constante elaboração também nos garante a desterritorialização, visto que derruba o processo pelo qual um signo se impregna de um sentido canônico, rompendo com o estabelecido e promovendo a abertura para a multiplicidade e a heterogeneidade.

Por isso, uni você a este conceito-ingrediente para investigar as relações possíveis na sua ficção, Silviano, abrindo fissuras, minando com as estruturas repressivas e castradoras do pensamento, criando uma experiência nomadológica, aliada ao potencial minoritário e revolucionário da literatura, situando-se fora da tradição interpretativa, constituindo um contradiscurso capaz de provocar devires inesperados e insuspeitos. Será a união do

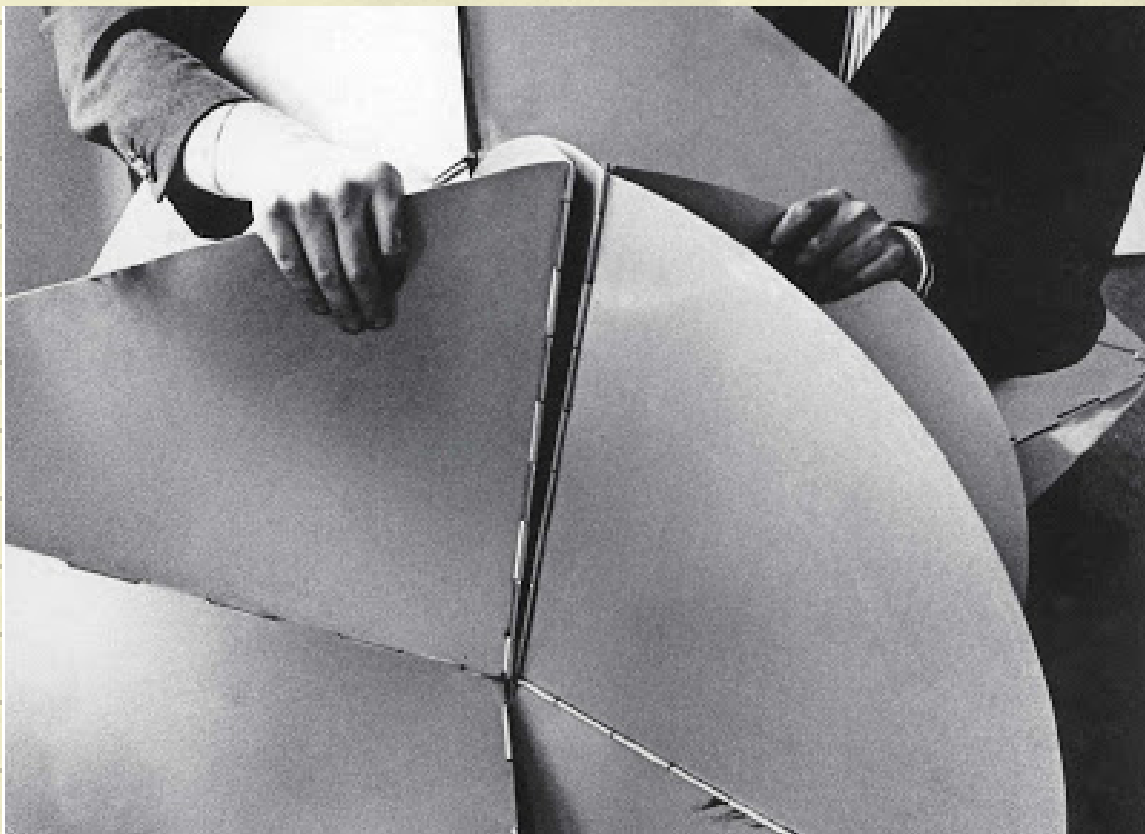
espaço literário (instituição da subjetividade, interrogação do mundo e da linguagem e opção estética) e da construção semiológica da alimentação por meio de signos.

E assim elaborei o menu do nosso jantar. O cardápio, diz Barthes, carrega um sentimento que ultrapassa sua simples função. Iremos inicialmente refletir sobre os sentidos, para então chegar ao sentido. A visão, o tato, a audição, o olfato e, claro, o paladar são observadores do alimento e do signo. Provam ambos. Seus textos estimulam os sentidos a sair do lugar comum e perceber o não identificável. Os sentidos penetram (não sendo apenas penetrados). O olho e a língua também pensam, as mãos também olham, o corpo é um voyeur, promovendo a anarquia dos sentidos. O segundo prato tratará do caráter singular dos seus textos através de um constante movimento discursivo: de mastigação, de deglutição e de digestão. A sobremesa vem como um estímulo à etapa negligenciada da refeição: o momento de ir ao banheiro. Sim, pois este alimento é excretado. Nos seus textos não há temor (nem pudor) à defecação, ao escatológico, ao dejetivo. O rejeitado não será retido: rompe-se com a assepsia do jantar e da literatura. Além disso, voltando ao cozinhar, devemos reconhecer o inesperado sombrio no cozinheiro: ele não teme excessos, violência, sangue, cortes, vísceras, lixo. Não receia inclusive ao adverso, a podridão e a morte.

Espero que este jantar estimule a mim, a você e aos demais presentes a perceber, na sua ficção, Silviano, a literatura como instância desterritorializadora do pensamento maior e a importância da produção de subjetividades singulares. Esse banquete não é um encontro de talheres, códigos e sabores decantados, mas um encontro de devires que está para além do tradicional ver e perceber o mundo e as relações entre o sentido e os fenômenos, logo entre a literatura e a vida, entre as sendas que convocam a criação de novas realidades em seus fluxos intensivos e heterogêneos.

Aguardo-lhe aqui e com fome. Venha quando quiser.

Abraços,  
Sílvia Barbalho Brito



Carta de Lygia Clark para Hélio Oiticica, 1964.

Meu muito querido,

Chegando hoje de Stuttgart, fui direto à Embaixada (exausta – meu pé cresceu já uns dois pontos – será elefantíase?) para buscar a carta que havia chegado para mim – Era sua! Valeu todo o meu cansaço pois cheguei pisando como uma velha de 80 anos... Você nem imagina a alegria que senti pois uma carta é sempre um pedaço da pessoa, e a gente lê uma, duas, três vezes tal a fome, que é a saudade, que a gente sente dos amigos! Acho que virei até antropófaga. Tenho vontade de comer todo mundo que amo e que se ache aí... coitado do Peter quando chegar! Bom, vamos moderar esta voracidade senão... bem passarei o resto da minha vida na cadeia como Genet, como devoradora de machos (o meu signo é escorpião, lembra-se).



## Carta de Nilto Maciel ao escritor Carlos Emilio Corrêa Lima

Brasília, 17 de novembro de 1977.

Meu caro amigo Carlos Emilio,

de novo meus parabéns. Já era tempo de você ser reconhecido como grande escritor brasileiro. Mas ontem, conversando com o Danilo Gomes, ele me disse que aquele seu estado de depressão era bom. Muito melhor que o ufanismo. Porque a vaidade é prejudicial. Sobretudo porque você é jovem. Então é bom que você seja muito crítico da sua obra. Agora não vá se ufanar demais e deixar de criticar-se. Permaneça desconfiando da boa qualidade de sua obra. O tempo é um grande amigo nosso. Veja que eu achava ser um bom escritor. Agora vejo que só se salvam uns poucos contos. Logo mais acharei que nada vale nada. Por isso parei de publicar. Vou publicar os melhores e depois escrever um romance. Durante muito tempo. Acho que já lhe falei dele. O cenário ~~pp/~~ é a Serra de Baturité. Os personagens são nativos e a chuva, a água, as árvores, os animais. Mas ainda estou muito confuso. Vivo sonhando. Toda noite sonho com ruínas, com matas, com rios, com índios, com passados muito remotos. O diabo é a impaciência. Vivo querendo escrever. Mas me forço e paro para pensar e sonhar. E também ler a história do Ceará antiga. Li agora Gustavo Barroso, dois volumes sobre os indígenas do Nordeste, estou relendo tudo do indianismo, etc. Já foi lançado o Queda? Aprese isso, homem! Não deixe o tempo correr aí.

Sobre a antologia da Alfa, você deve mandar a tofo de Eugênio. Escreva para ele. É um que mora em Limoeiro? Faltam todos e biografias de Hilda, Edmar Ribeiro, Adriano e Edvar Costa. Os endereços não são muito importantes agora.

Tenho recebido coisas do Carlos Studart. Ele está me ajudando muito. Li muita coisa que ele escreveu. A história do Ceará.

E o Tocaia? Nu nca o vi. Será que o diabo do Bezerra não vai querer que eu o leia? Diga-lhe que ele é um tremendo sacana.

Sabe o que sonhei ontem? Que os índios baturités, originários de lá mesmo, fugiram para as aldeias circunvizinhas de Fortaleza forçados pelos bárbaros brancos.

Semana passada sonhei vendo ruínas em minha cidade. Acho que não existem e que a cidade deve ter menos de 200 anos como arraial. É cidade mesmo desde 1857, se não me engano.

Não se deixe conduzir pela preguiça de escrever cartas pros amigos.

Receba um grande abraço amigo de seu discípulo

(você sabe que muito aprendi de você)

N. F. Maciel.

# cartas no

ois de Prestes (Nico-  
n ouvir alguém dia-  
ele, como o Roberto  
? Democracia é ser  
é mesmo? Surpreen-  
não tivesse pergun-  
estes, na entrevista,  
des do *Gulag* sovié-  
circunstancialmente  
tas pelo Soljenitsin,  
o Leonyd Pliuschch  
v, Medviedved, *why*  
orças nesta época de  
até o país se tornar  
*om rumo* e não essa  
tos, infelizmente. E,  
errilha subterrânea  
para derrubar os sala-  
*brasiliensis* e *tutti*  
— ágil e participante  
assos. **Leo Gilson Ri-**

neros 11 e 12 de Nico-  
co o trabalho de Elia-  
o Mendonça — “Car-  
tudo de Wilson Mar-  
o segundo, as entre-  
ctor Farias, sem des-  
balhos, claro. **Sânzio**  
**CE.**



O Uilson Pereira tem razão: “Mar Paraguayo”, de Wilson Bueno, é uma sacada inteligente & consistente. O único problema é o já enfrentado pelo próprio Uilson em “*Outra inquisição & cia.*” e por cobras do triçô & crochê verbal/ficcional como Carlos Emílio Corrêa Lima (*A cachoeira das eras*) — ser lido e apreciado por um pequeno círculo de entendedores, já que pro publicação tudo que foge do fácil é grego. Mas isso pode não ser problema, e sim solução, pois reforça os elogios a “Mar Paraguayo”. **Glauco Mattoso.** São Paulo — SP.

Esse Nicolau é do cacete. Parabéns para todos vocês que o fazem, mas quero con-

Tabloide Literário Nicolau, editado pelo escritor Wilson Bueno entre 1980 e 1990; seção de Cartas, agosto de 1988, Glauco Mattoso elogia livro *Cachoeira das Eras*, do escritor Carlos Emílio Corrêa Lima

## SONETO VICIOSO [2002]

Poema lembra amor, que lembra **carta**,  
que lembra longe, e longe lembra mar,  
que lembra sal, e sal lembra dosar,  
que lembra mão, e mão alguém que parta.

Partir lembra fatia e mesa farta;  
fatura lembra sobra, e sobra dar;  
dar lembra Deus, e Deus lembra adiar,  
que lembra carnaval, que lembra quarta.

A quarta lembra três, que lembra fé;  
fé lembra renascer, que lembra gema,  
a gema lembra bolo, e este o café.

Café lembra Brasil, que lembra um lema:  
progresso lembra andar, que lembra pé,  
e pé recorda alguém que faz poema.

Glauco Mattoso



## Carto(gráficas)

Por Vinícius Azevedo

Mas o que é escrever - se não construir para si uma morada. Criar uma nova língua estrangeira utilizando-se da que é mãe. Maquinar-se em um texto, produzir subjetividade, produzir a desterritorialização da língua é tornar-se, automaticamente, um nômade do deserto. O processo de escrever é perder-se e tornar-se casa ao mesmo tempo. Toda letra implica em um ato político. Cada palavra uma pessoa, mas também tristeza, formiga, esterilidade. Cada sentença uma idéia, oração, mas também voz. Cada parágrafo um manifesto, mandala, mapa. Cada texto um ser, mas também mundo, seres, bichos, aço. Território, mas também Sonho.

Não é fácil estudar a voz do texto sem antes ter passado por todos os ruídos que ali vibram; sem antes ter ouvido o murmúrio da história, os gritos da natureza, a voz dos homens, as músicas dos animais, a vontade dos deuses. Diante da política, da ética, da estética de todo o maquinário subjetivo que implica em um ser-vivo do ser-escritor. Criar para si, como diziam Deleuze e Guattari, um Corpo-Sem-Órgãos que nutre e nutre-se no e do próprio Ato, o próprio Desejo.

O que deseja a escritura? O que se deseja enquanto autor dentro da imensa responsabilidade das suas próprias palavras? Quando o governo se interessa pela vida dos outros, é a máquina de escrever embaixo do assoalho que ameaça a ordem vigente. Falamos de um maquinário capaz de desterritorializar-se incessantemente, buscando cada vez mais o ritornelo, cada vez mais as rostidades, os devaneios das matérias, e também as palavras de ordem circulam e começam a circular entre sí.

Quando a falácia de institucionalizar um discurso que é em si privado desemboca diretamente, tensionalmente, no discurso "institucionalizante" do público - é que nos deparamos com a violência que as idéias tem. Ferem estátuas de orixás, quebram lâmpadas na cabeça dos amantes, cristalizam o

devir negra(o) enquanto escravo(a), e em contra partida resiste-se, aceitam-  
c enquanto devires plurais. Descobrimos que não existe um discurso *privado*.  
Ao se enunciar, ou antes mesmo de enunciar qualquer texto que seja, qualquer  
idéia que seja, ela já se torna ou antes é um agenciamento coletivo. Podemos  
talhar Leis na pedra ou podemos talhar corações apaixonados nas árvores.  
Podemos marcar proibido estacionar ou podemos grafitar voz, é proibido sim  
estacionar, o mundo não pode parar.

O escritor ou sua voz encarnam múltiplos devires rizomáticos, o  
escritor pode ser um fingidor, pode ser uma voz encarnada, a experiência do  
escritor fantasma que assusta tanto quem brinca com os copos nas mesas, *na  
superfície*, pode ser também a voz do grande ditador em um megafone - *Você  
e a moça não sairão da sala*. Mas também pode ser um índio *guajira*, pode ser  
uma aristocrata que comete suicídio na linha do trem ou pode ser a voz ativa  
de uma peregrinação que inicia um *Niketche*.

Mas que beleza experimentar as próprias escolhas, andar Moçambique,  
dançar Moçambique, ter a certeza de que seus passos firmaram uma dança.  
A revolucionária diz "Se eu não posso dançar esta não é a minha revolução".  
Rami tece movimento, dizem que *Niketche* pode incorporar vários aspectos  
simbólicos, um deles a feminilidade. O desafio da contemporaneidade é firmar  
a alteridade. É dizer que uma mulher é *feminina* não para servir a um  
*masculino*. Mas que a *feminilidade*, a *sensualidade* quiçá, é a pulsão da vida.  
Não se pode ser para o outro, ser sempre para o outro, se trata de *ser*, antes  
de tudo.

É podermos gritar que seremos todos feministas. Dançar ao mesmo  
tempo *Niketche* e *Kuduro*, seja ao monte Namaroi seja em um clube sobre as  
luzes de Luanda. Viver sobre a ideologia da colônia é não ser. Mas como pode  
não ser? ser fogueira ou ser neon. O erro é acreditar em uma história única.  
Islãfobia. África savana, África AIDS. O problema da fabricação de  
agenciamentos das *massmídias*. Insistir no devir cristalizado da negritude  
escrava e infecta.

Quanta arrogância quando se pensa em um mundo norte e sul, onde o  
sul não se pensa. As vozes dos ferreiros nunca cessaram onde fosse  
importante dela chegar viva. Um lugar onde as leas confessam, as palavras  
beijam, os coelhos saltam, onde há a escravidão cristalizada?

## CARTA DISLEXIA

Saio de casa há poucas horas da manhã e esqueço que estou indo enfunar-me numa sala fria e ensombrada por longas horas a fio. Transformo o caminho miragem em viagem. Estou migrando para outros continentes em mim. A professora conta histórias de África, de povos, lugares . Eu, num canto, encanto. Distraio das lições; me vejo aprendendo amores. Acho que estou doente. Já me disseram que a isso chamam dislexia. Um mal que atinge muitos, e que nos tira de onde estamos com os pés nos mesmos lugares. Vejo agora a professora cantando histórias, quase borboleta, leveza; quase dança, quase azagaia, voando, voando... Acho que estou doente, não é sintoma, é sentimento. Será que adoço de poesia?

(Fátima Lima nasceu no sertão, mora dentro dele)





CARTAS PÔNTICAS  
Ovídio



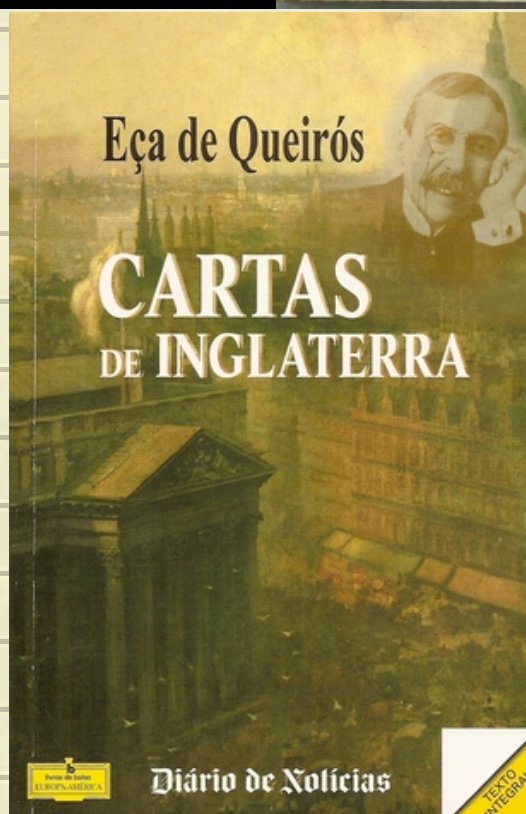
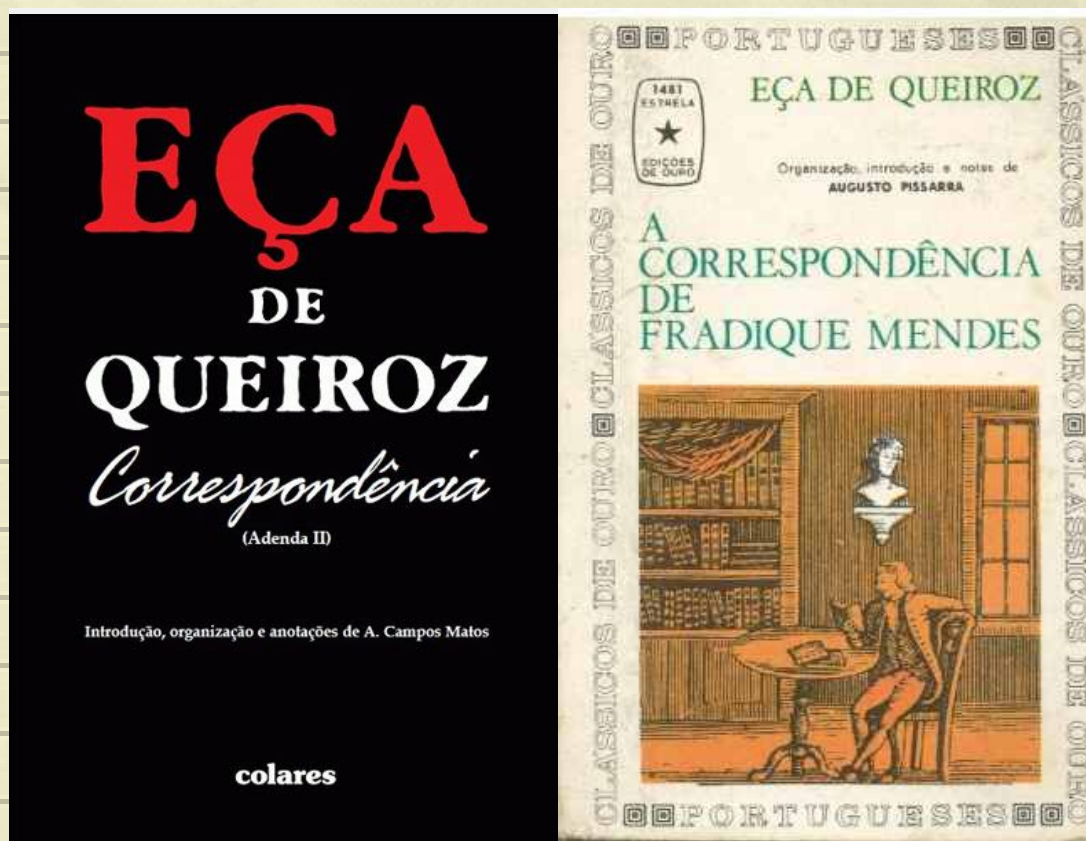
FRANKLIN TÁVORA

# Cartas a Cincinato

Organização


Eduardo Vieira Martins

EDITOR A U N I C A M P



# Carta Colonizada de Pero Vaz de Caminha

Suor

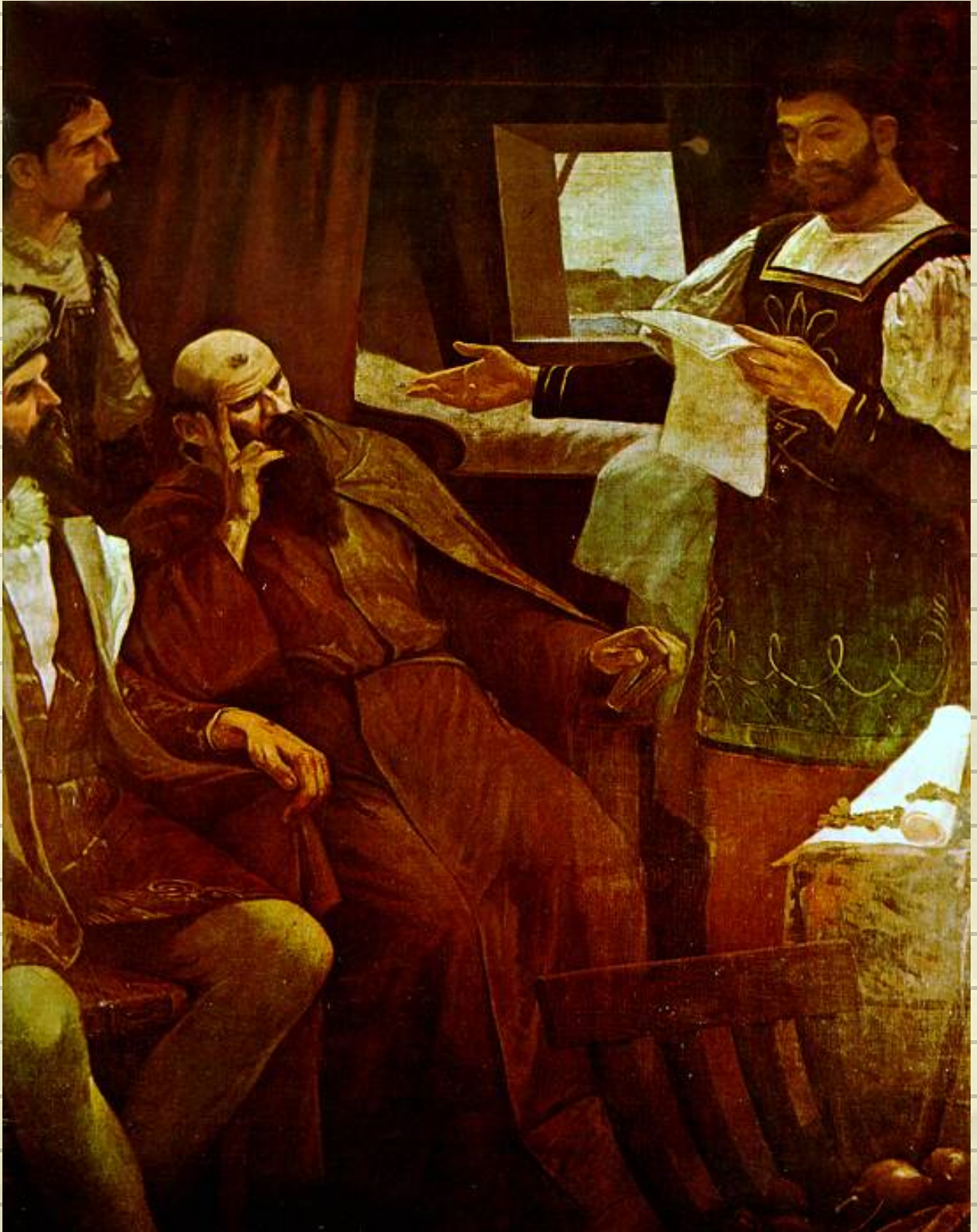


posto que os capitães mór de dita d'outra fozta p'afu do  
 outros ta p'ntes (p'ouam) a d'outra alta lamoua d'afu  
 m'ente d'outra fozta noua que se ora n'oua n'oua  
 guom, al'ou. nom leuoncy tam'oum de dita d'outra  
 am'isa. conta a d'outra alta afu como m' m'ou  
 poder a f'ou d'outra pas em' outas p'f'ou op'ita  
 h'ou que t'ou d'outra p'oume d'outra alta m'ou  
 f'ou m'ou d'outra d'outra. aqual em' outa gra  
 p'ou a f'ou m'ou m'ou a f'ou a f'ou d'outra m'ou  
 f'ou a qual que d'outra m'ou p'ou d'outra m'ou  
 f'ou a f'ou d'outra d'outra m'ou no d'outra a f'ou  
 f'ou a d'outra alta d'outra nom p'ou f'ou p'ou  
 p'ou d'outra d'outra m'ou e m'ou d'outra m'ou  
 d'outra p'ou d'outra m'ou d'outra

## Carta Colonizadora de Pero Vaz de Caminho

"Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Pero Vaz de Caminha





REPÚBLICA PORTUGUESA  
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

# CARTA FITOGEOGRÁFICA DE ANGOLA

MEMÓRIA DESCRITIVA DOS PRINCIPAIS  
TIPOS DE VEGETAÇÃO DA COLÓNIA DETER-  
MINADOS PELOS SEUS ASPECTOS FISIO-  
GRÁFICOS E CARACTERES ECOLÓGICOS  
SEGUNDO A NOMENCLATURA DE RÜBEL

por

**J. GOSSWEILER**

*Botânico ao serviço da Colónia de Angola*

com a colaboração de

**F. A. MENDONÇA**

*Naturalista do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra*

EDIÇÃO  
DO GOVÉRNO GERAL DE ANGOLA

1 9 3 9



## Carta a José Eduardo Agualusa

Natal, agosto de 2016

Caríssimo,

Numa tarde dessas, perdida na luz caída desse nosso céu de manga rosa e diluído no oco das dunas, comendo um tédio medicinal num apartamento jogado ao nada, eu assistia um documentário na televisão, ou melhor, uma dissecação das obras de Monet, explicitando os detalhes da sua técnica. Quando tudo é perfume de pólvora, escrever não é flutuar e solidificar como as tintas frescas de Monet pairando nos quadros? No documentário observei que dentro daquelas camadas haviam padrões distintos de pinceladas sobrepostas, com cores e texturas semiocultas por outras mais vacilantes, uma mais líquida contrastando com uma mais seca, rústica. Assim, as cores falam de um olhar violentado pela luz e pela catarata. Mesma matéria de sonhos, barco às vessas, de travessias nebulosas e leitosas do olhar que insiste em pintar.

Ainda estamos falando sobre a forma, mas as cores escambaram para outras decantações. Espuma de Pã, Dionísio ou Satã. A palavra também é cor que enlouquece e sombra que deságua. Torno suspenso o cuidado de ser, de nominar, esperando a possibilidade em embarcar em várias vozes. Por cima respiro um olhar, talvez, absorto como rio. O que tem dentro do rio heraclitiano eu não sei, mas apreendo apenas o

embotamento residual do seu traçado háptico, que à menor leitura vibra, ressoando murmúrios, velhos galhos, um cheiro de infância, de pitangas no verão, uma despedida...

Estar nessa enseada, o livro, é como abrir as mãos para colher a espuma, tumulto da língua de outros mares. Um prisma heterotópico dos destroços lusitanos, do magma angolano e das baforadas brasileiras. Posso ver uma casa que flutua, onde cascas pálidas vestem de passado aqueles que deixaram rolar, barranco abaixo, a pedra de Sísifo. Flagelados pelo fogo que a tudo toca, ainda assim, viver é uma arte que massacra e potencializa o mundano e selvagem que nos acostumamos a aquietar cegamente. É uma magia de ser feliz, de não perder o gosto de estar gostando, como afirma Stela do Patrocínio.

Mordemos esse ouroboros, dancemos com essa magia. Já vejo Eulálio no teto do apartamento a rir das minhas indagações. Deslizo o olhar para Fafnir eriçando os pelos numa evolução de dragão. Está pintando o pôr-do-sol no deserto do Namibe, se despedindo da luz doce e quente do dia que escorre da janela. A Welwitschia debruçada como chicotes em repouso lembra um tempo em que... Lembro do isolamento de Ludovica, da conversação entre sonhos e quando Lídia fotografa a luz das florestas vegetais e urbanas, como num texto, traçado de espaços que escavam o tempo e o ser para delirar.

Cada decifração forma outro lugar. Sinto como se perscrutasse um templo de sombras. As paredes marmorizam o frescor das praias, os pilares evolucionam sobre o mar. "É doce morrer no mar". É doce cavoucar os cômodos da alma para saber que o que importa é o descompasso. Eulálio já fugiu no "céu partido ao meio no meio da tarde...". Corpo ambulante. Mil fagulhas de ser ao som de tudo. Qui sommes-nous, pendant ces abîmes? Ils supposent l'avie qu'ils suspendent..."<sup>1</sup> Há paragem de cascalho no Kwanza? Imersa no texto, agora vejo que dele emerge uma terceira margem rosiana de cidades mundializadas, metropolizadas, onde ruas e quintais antigos guiam o olhar da contemporaneidade sem perder a ingenuidade por sabedorias e velhas ironias. Santuários de lembranças mergulhadas em tragédias e antigas lendas. Os quintais escondem um terreiro sagrado, suspenso em aromas, sussurros, neologismos, cânticos, batuques...

Acompanho a sua indignação com o governo angolano que não só inviabiliza a autonomia do povo, mas também suprime o surgimento de uma potência organizada do povo e o mínimo ambiente aberto ao questionamento sobre a cultura e a política na sociedade angolana. Novamente, o terror dos símbolos vazios ceifa ideias, quiçá vidas, em nome do privilégio de poucos que comem das vísceras do corpo morto do socialismo. Que bela democracia o mundo vive onde se orgulha da

---

<sup>1</sup> Paul Valéry, *Eupalinos ou o arquiteto*, pág. 47.



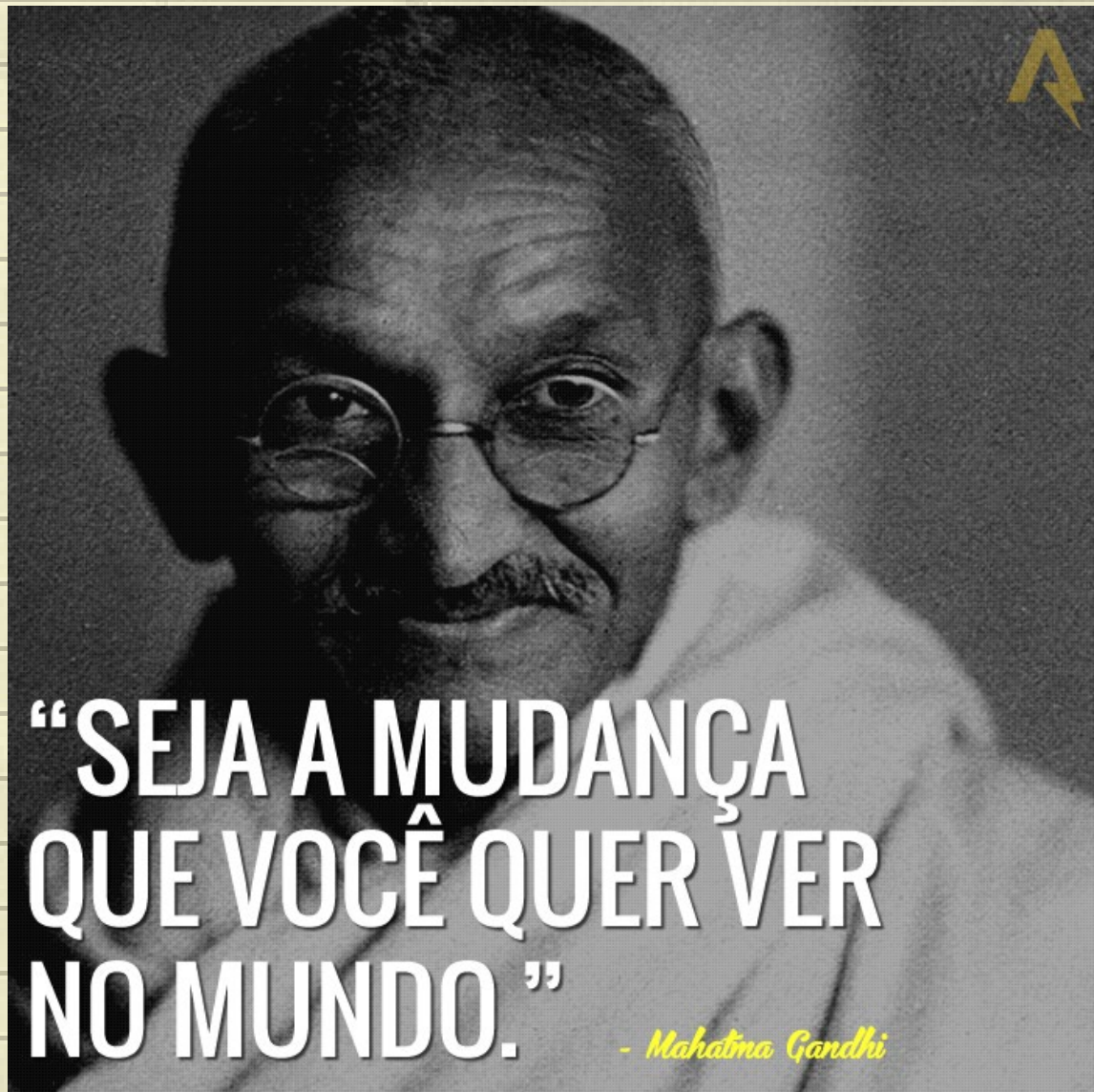
liberdade de uns, mas senta-se para negociar com ditadores. A barganha está saindo cara demais para brincar de cego e surdo.

Mas escrever também é poder. Com a necromancia petulante que tens, continue a deslizar o olhar pelas casas e quintais para ressignificar o passado na tônica plural da memória viva. As velhas guerras, os mortos e os silenciados esperam, como pássaros secretos, o canto de uma dor antiga e, no entanto, cada vez mais clandestina. Como posso desfrutar de uma gramática sem fazer uma nódoa? Posso apenas fazer um borlado, um transpasse, imbricar uma perfuração entre conhecimentos. É preciso que não se cale. Para isso, espero que esteja onde cresce, esteja onde seja úmido, liquefeito, mutável. Onde seja lama, sujo, tátil, incandescentemente verde e novo. Esteja onde seja sempre destruído, amputado, mas livre como uma água-viva transparente. Que ferva por estar entre meio, fim e começo. Deixe a janela aberta e contemple.

Isabela Coelho



*José E. Agualusa, foto acervo (site do autor).*



**“SEJA A MUDANÇA  
QUE VOCÊ QUER VER  
NO MUNDO.”**

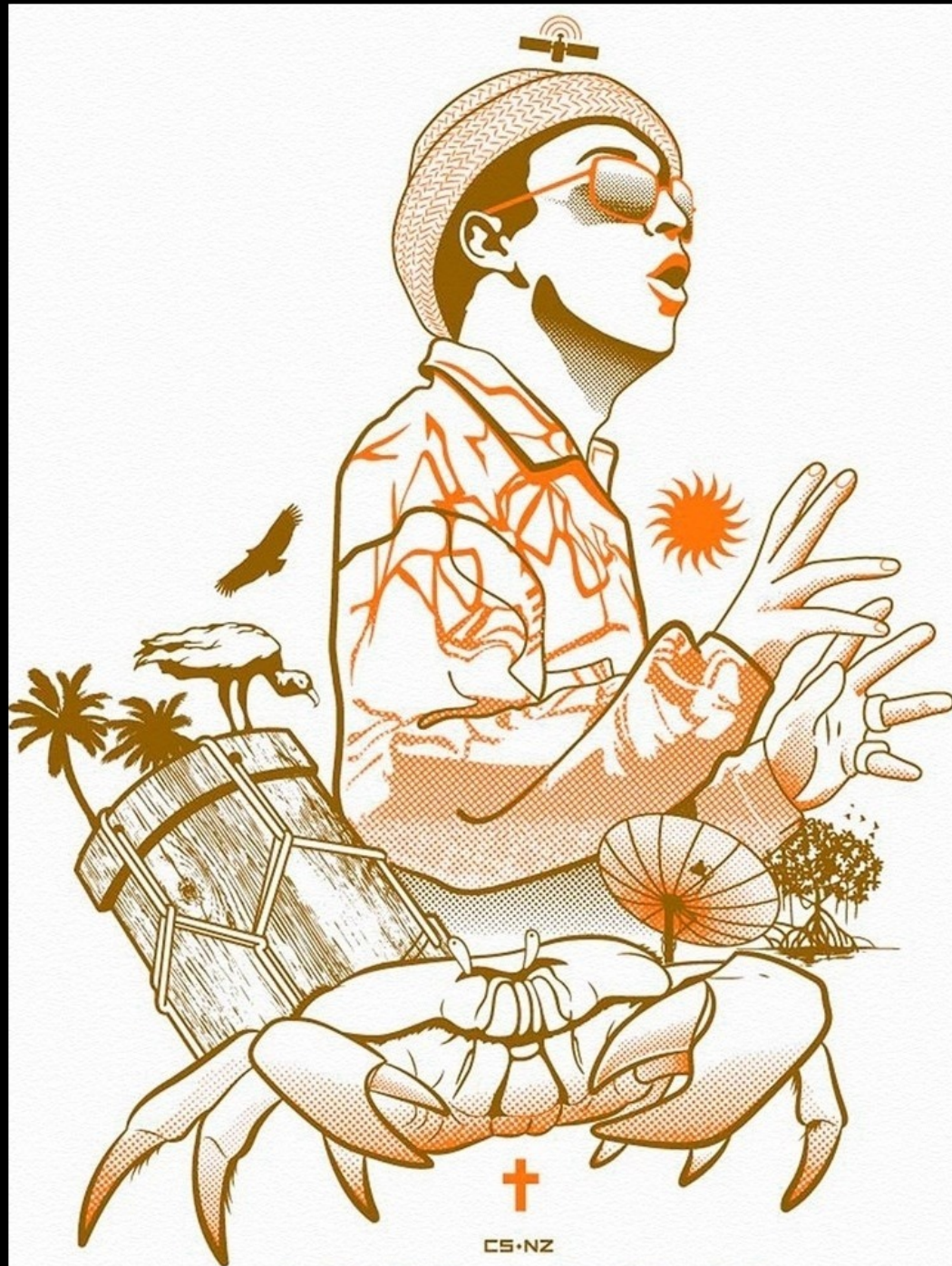
*- Mahatma Gandhi*

## A HORA DA MUSA

Maísa Andrade

O cursor pulsa, pulsa, pulsa. O branco povoa a minha mente e a minha visão. Gotas de suor começam a surgir em minha face sem que a palavra desejada venha à mente. Inclino a cabeça para baixo no intuito de que algo surja após um breve momento de meditação. A meditação não tem bons resultados, provocando ao inverso, um aumento na inquietação de meu corpo. Cabelos sobre as letras do teclado; não são fios de Ariadne, mas bem que poderiam me conduzir por este labirinto de palavras. Meus dedos, o que há com meus dedos que tanto tenho que olhá-los e senti-los? Paro, olho para eles novamente, como se tivessem algo a me dizer. Coça, meu braço coça. Sinto que mosquitos me fizeram companhia durante a noite que passou. A vermelhidão causada por suas picadas me agita. Lembro que nada escrevi. De repente, olho o céu através da janela e sinto que ele pode dizer-me algo. Pulsa, pulsa, pulsa, o cursor pulsa e meus dedos tentam acompanhar o seu ritmo diante do teclado, mas dali nada sai além da lembrança do possível tocar de um piano, seria a música do pensamento?! Continuo a sentir os meus dedos. Alongo-me e neste movimento percebo manchas em minha blusa, de que seriam elas? A xícara branca do café, chama a atenção: olho para os resquícios da borra e do açúcar que ficaram em seu fundo e penso que eles poderiam ajudar a fluir os meus pensamentos. Olho para a fotografia de Chaplin e Gandhi que há em meu mural e me pergunto por que os dois estavam a sorrir. É como se me olhassem. Passo alguns segundos trocando olhares com eles, mas seus ares irônicos já me dizem que não poderão me ajudar. Paro e não sinto nada; sinto apenas as batidas de meu coração e a minha respiração ofegante. Ideias não surgem e penso em desistir. O vento faz barulho na janela, o que me faz acordar deste momento de inércia; tento retornar às tentativas de escrever algo. Movo a bolinha do mouse e a página vai para cima e para baixo, como se eu estivesse chacoalhando-a e pedindo a ela que me ajudasse. Engulo minha saliva com tanta dificuldade que parece até que há algo bloqueando a minha garganta, talvez as palavras ainda não ditas. Meus dedos, volto a observá-los. Será que o segredo está neles? Meus indicadores se tocam como se conversassem entre si. Ajeito-me na cadeira, ergo a coluna e penso que talvez assim as energias e as ideias venham a emergir com mais facilidade. A calça vermelha pendurada, remete à vermelhidão e à coceira dos mosquitos; me inquieto; o calor incomoda; penso que não há condições das ideias fluírem. Um barulho vindo de outro recinto não deixa de me acompanhar: é a máquina tirando a sujeira da roupa. Esse barulho ininterrupto se instaura como um verdadeiro mantra. Sinto como se minha mente estivesse tomando velocidade e se preparando para agir. Volto a observar o cursor pulsar, após alguns instantes de cabeça baixa, sentindo o ritmo do som. Para cima e para baixo, exercício constante que faz a página à minha frente. A branquidão da tela me ofusca; pequenos vultos negros acompanham a minha visão. Meus olhos já estão cansados. A noite se esvai.





CS·NZ

CHICO SCIENCE  
NAÇÃO ZUMBI



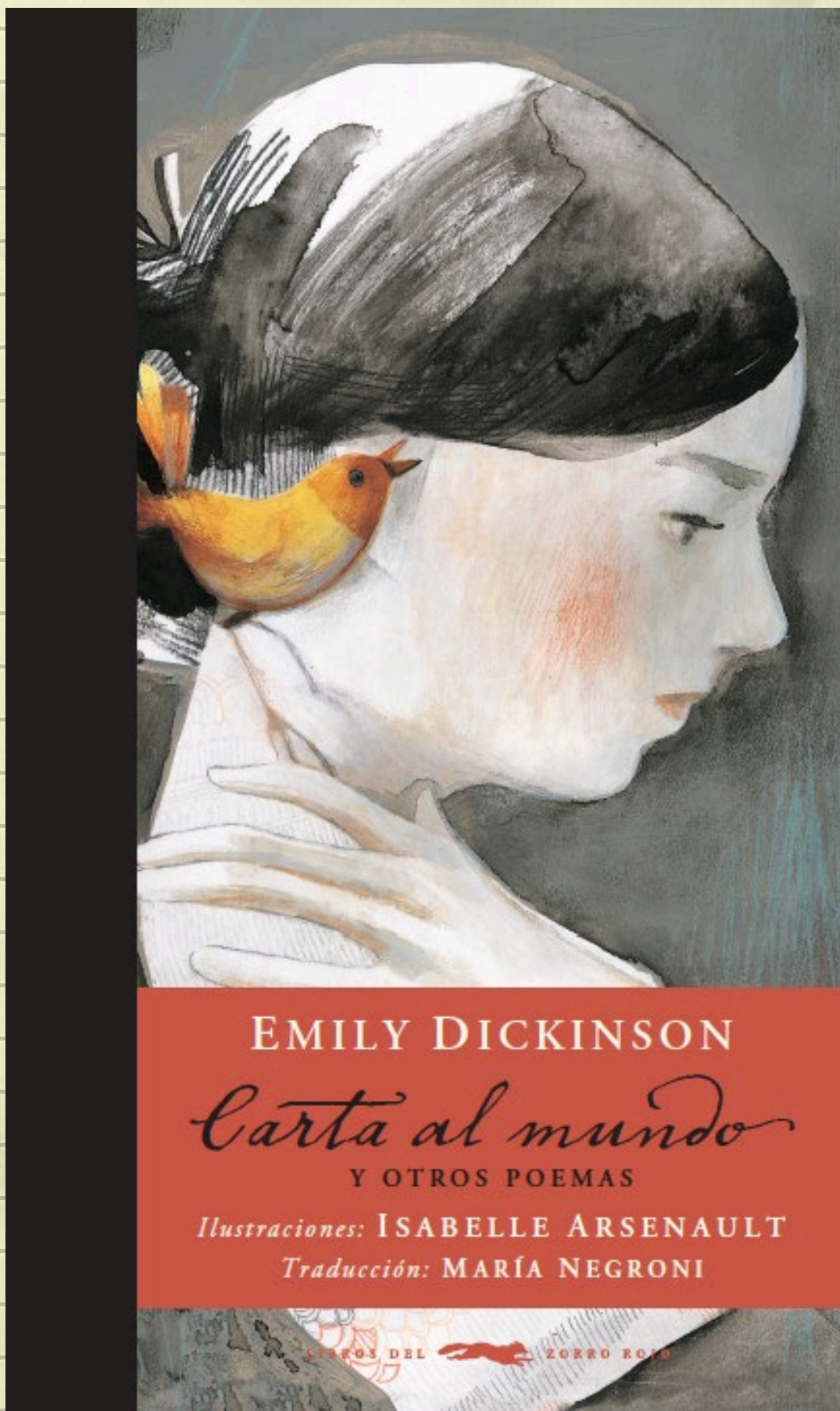
CARTA AOS MANGUES



MARJORIE MEDEIROS

Pousada pássaro  
abriu os braços e lançou  
fagulhas de penas e pesares  
levou comida na ponta da boca  
e verteu esvoaços no meio do mundo  
restou meu ouvido  
pesando rumores  
e eu guardei segredos  
que rebentou calado

*Canniggia Carvalho*



EMILY DICKINSON

*Carta al mundo*

Y OTROS POEMAS

*Ilustraciones:* ISABELLE ARSENAULT

*Traducción:* MARÍA NEGRONI

LIBROS DEL ZORRO ROJO



Natal, 30/08/16

Querida Emily,

Estou em 2016. Recebi muitas de suas cartas. Sinto dizer que sua irmã Lavinia foi leal a seu pedido e desmatou sua escrita. Mas a Susan cultivou tudo que recebeu desde a época que fizeram faculdade em Mount Holyoke Female Seminary. Outros amigos e familiares fizeram o mesmo. Portanto, muito do que você escreveu acabou sendo conservado. Os manuscritos dos poemas foram encontrados nos frascos de vidro em seu quarto, estes a Lavinia colheu. A Mabel juntou tudo e publicou oito anos depois que você partiu. Depois disso vieram vários artigos, estudos acadêmicos, livros e muita coisa na internet, que é um canal de interação mental entre pessoas do mundo inteiro.

Só fiquei sabendo da existência de suas cartas e poemas em 2001. Estava caminhando pela rua Boylstone, em Boston - inclusive, imagino que você já esteve por lá, na sua época chamava-se Frog Lane - me deparei com uma garota que inclinava-se entregando panfletos. Me despertou a curiosidade, pois vestia uma camisola branca, o que é estranho, mesmo nos dias de hoje que as mulheres usam até calça. Pois bem, os panfletos divulgavam a peça "O Mito de Amherst", que seria apresentada naquela mesma noite, no teatro humilde que se escondia numa daquelas ruelas horizontais. Acredita que era sobre você? Assisti à sua história de vida e como você e a Susan se conheceram. Fiquei empolgadíssima com aquilo! Como você conseguiu sobreviver ao século XIX sem se casar? Deve ter sido horrível. Até hoje as mulheres que não se casam são desdenhadas. Mas, de forma geral, as mulheres já não ficam tanto em casa como na sua época.

Lembra quando a Susan ensinava na Robert Archer's em Baltimore e você mandou uma carta pra ela pelo seu pai, que tinha ido palestrar em uma convenção política? A dobra externa da carta tem uma abertura e dentro você escreveu: "abra cuidadosamente". Na carta você se declarava apta a palestrar no lugar do seu pai, pois conhecia tudo sobre as leis. Dizia pra Susan que se tivesse ido, a encontraria nos seus intervalos. Percebi sua frustração em não poder exercer atividades exclusivas aos homens. Agora já existem mulheres em todos os lugares fazendo discursos políticos, mas os homens ainda são grande maioria. Aqui no Brasil, onde vivo, uma mulher conseguiu se eleger presidente da república. Nos EUA ainda não aconteceu, mas foi por pouco.

Olha, eu li e reli seus poemas e cartas, e comecei a me sentir cada vez mais próxima de você. Percebi que você escrevia para pessoas específicas, pessoas que amava e admirava, mas as cartas e poemas acabaram transportando suas mensagens para muito além, para quem quer que tivesse acesso a elas, como eu, por exemplo, um século depois. Um dia, encontrei a

Judy Jo Small, ela me ensinou a escutar a sua voz. Hoje, percebo-a vibrar quando relata que enquanto os pássaros, as horas e os zangões voam, as montanhas, o pesar e a eternidade permanecem em solo. Quando você diz que não é ninguém, respondo-lhe em voz alta que também prefiro ser ninguém a ser o sapo glorificado pela lama. Lhe acho tão assertiva quando diz que as palavras só passam a viver quando são ditas. Sinto sua voz fraquejar quando fala que "o amor é anterior à vida e posterior à morte". Você tem razão, porque amo você.

Por favor, assim que receber esta carta me procura, o que eu mais quero é falar com você, por horas e horas e horas. Quero honras e promessas, lembranças e histórias.

Mima.



ARACAJU, 17 DE MARÇO DE 2003  
ÀS 20:45 H.  
OI, MINHA FLOR GELA

HOJE TIVE UMA SENSACÃO ENORME DE  
QUE PRECISO RESPIRAR CONSTANTEMENTE A NOS-  
SA RELAÇÃO, QUERO CONTINUAR ABRINDO A BOCA  
PRA QUE VOCÊ DERRAME VÁRIAS VEZES, DE MUI-  
TAS FORMAS, OS TEUS MELHORES LÍQUIDOS.

SE PERMANECERMOS ASSIM, COMO SURGIMOS,  
AMIGOS, AMANTES, CARENTES, SORRIDENTES, DOÇES,  
SALGADOS, AMORES, CONSEGUIREMOS ENFRENTAR  
COMO DOIS GIGANTES, TODOS OS DISSABORES DA  
VIDA. SEM ESQUECER QUE O MEU "SER" ESTÁ  
LIGADO AO TEU E NOSSAS ALMAS SÓ RESPONDEM  
AOS NOSSOS DESEJOS.

ESCREVI SOB UM CEÚ SEM ESTRELAS E SEM  
LUA, QUE ME FIZERAM TANTA FALTA QUANTO  
VOCÊ.

NÓS MERECEMOS UM AMOR AFINADO.  
VAMOS CHORAR E GRITAR O NOSSO AMOR.  
VAMOS GRAVAR O NOSSO AMOR NO ESPAÇO.  
VOCÊ É LINDA.

EU TE AMO MUITO.

UM BEIJÃO DO BELINHO.

TODOS OS BEIJOS DE AMOR.



## Nômades da morte colecionam terror

As tuas mãos não servem ao metal  
 Não, as tuas mãos não elevam órgãos e ossos  
 Elas não perfuram o tempo / Dói  
 A carne quando animal / Lá,  
 Teus olhos não os têm / Revelação, sentença  
 Não, não eternizam o tempo / e voltam  
 Dói, carne quando animal / E do retorno,  
 Eternizam rosas - em destruição  
 Tuas pernas jamais andariam em corda-bamba  
 O teu tórax não haveria de alojar feito caverna  
 De antigos mortos e ressuscitar vozes  
 De antigos mortos não ouvimos "o que fazes"  
 E dos próximos antigos mortos ouvimos "fazes errado"  
 Não, o teu tórax não corre único tempo  
 Dói quando animal, carne / só  
 E as tuas mãos jamais louvariam o metal  
 As fímbrias do plasma, as diagonais do inconsciente  
 O centro e sua ilusão de extensão  
 Os teus olhos arrancados como pingentes balançantes em  
 Dançarinos sombras de cavernas *high-tech* fazem  
 Biodados em *led* e dizem dos horizontes e das expectativas / E da  
 Ilusão da alusão: o efeito do lã e dor do veludo  
 Quando animal, carne / só / Lá  
 Na corrida pelo desfazer do eu  
 Onde na vastidão / brasis acesos / luminárias esquecidas em montículos  
 Onde por trás dessa eletrônica  
 Onde já não há as vozes das avós e não adianta ouvir nem o pesadelo  
 Lá / e volta / só [ e do retorno  
 Na corrida pelo desfazer do eu  
 Onde famintos enfatiados atravessam as ruas  
 Poucos, mínimos, os sem fins das cidades / Onde  
 Biomass e biodados em *led* de cavernas *high-tech* / Veem  
 Nômades da morte colecionando terror / Lá  
 Na corrida pelo desfazer do eu / Esse poema liberta  
 Quando pássaros e os olhos tomam banho, ao redor  
 A lagoa expulsa o vício por tanta renovação  
 Jamais andariam tuas pernas por  
 Corda-bamba  
 Se soubéssemos do céu e da  
 Terra, afogariamos nesta lagoa  
 E de um tufão de chiados naturalizados  
 Sairíamos minudentes luminescências para o porvir e o devaneio

Raul Ávila de Agrela



### **Missiva de Ana Paula Tavares**

Há, minha amiga, uma palavra, uma única palavra, nem grande nem pequena, que me ferve os dias e as noites, me impede o poema e a invenção de um certo oriente, um antigo oriente onde, diziam os antigos, nasciam todas as fontes do mel e viviam as abelhas da cera. A dor ilumina e faz parte de mim como o mais amado dos pesadelos, aquele que se persegue acordado e não tem som, nem cor, nem peso, recorta-se na sombra da noite como uma outra vida para viver com as urgências de um canto santo que me foi ensinado para dizer e já perdi. Busco um refúgio, revolvo ruínas onde está sepultado o velho bule do chá e ordenam-me que parta sem os panos da origem e a água da viagem, as asas da noite com que já nasci ou os pés compridos de afagar os caminhos. Olha, por exemplo, amiga, a palavra fronteira. Pensei que me pertencia, tão igual me parecia o mundo de lá e o meu próprio, com a mesma terra e as mesmas árvores e a água a oferecer-se para amassar a argila. Era só passar e eis que o lugar da casa estaria já marcado ao lado dos irmãos e pronto o altar e vivos os jardins para que a palavra se soltasse e fosse de todos como o fio de contas que se afaga ao entardecer, disseram.

Eu vi a palavra na sua primitiva forma, com os irmãos mergulhados em águas vermelhas à procura de pedras preciosas com que trocariam de vida, e não a reconheci. Eu vi a palavra fronteira, tinha endurecido em muro alto e arame farpado e a vida terminava ali de repente com soldados e armas e outras palavras que não as antigas fórmulas de saudar e acolher. Parei um pouco para pensar e vi o túnel e as barcas encalhadas sob o peso dos mortos. Ainda sou uma mulher, mas a minha voz está perdida e dobrada sob a dor de todos os que se perderam no caos do mundo dos outros, onde nos prometeram casa, árvore, leito e o riso das crianças. E volto a ver a palavra no fim de todas as travessias, gêmea outra vez do grande sofrimento, com as suas formas perdidas, seus desvios e penosos becos. Disseram que era só atravessar e o lugar do mel e da seda seria nosso outra vez. Nada nos preparou para o caminho da danação que antigas simetrias tinham feito coincidir com a liberdade e a cura. Depois de tantos mortos (no mar, no túnel, em cada carro de transporte)

tínhamos de novo o muro à nossa espera e a notícia da degradação de todas as antigas glórias. Ao lado de fronteira alinhou-se a palavra ameaça, nem grande nem pequena, mas suficiente para perturbar o éden dos outros que não querem ouvir o choro alto das mulheres e o silêncio arrepiante das crianças. Cercaram o paraíso de muros altos e arame e deixaram-nos o mar e o deserto para morrer devagarinho. Vendemos, amiga, o velho bule, os panos e a alma e agora é-nos negado aquilo que procuramos sem descanso: água, casa e o leite das crianças. Não sou nada, mas fecharei contas mais tarde com todos os silêncios e perguntarei aos irmãos grandes de nossas terras antigas onde estavam quando nos abandonaram.

*Ana Paula Tavares*





Olá, Ana Paula Tavares!

*um bailarino dança enquanto eu escrevo*

*uma partitura rebenta os passos deste homem*

*e a música grave dá o tom destes papeis*

Ando às voltas com teus poemas, com seus versos no meu encaixo. Existe limite para a poesia?

Há um silêncio nesta carta, uma metáfora para a espera. Fico paralisado com o que dizes, analítico com o que suprimes, mas não descanso quando a tarefa é divagar nessas dunas.

Peço licença. Permitas que eu seja demorado antes do início. Quero aprender as demoras, pois durante muito tempo eu lustro o equívoco de dizer o pouco. Não tenho fôlego para crescer um texto e até pareço uma mãe que gera um filho, mas não goteja o gordo leite. As palavras não ditas, as quais escondo, são tão perigosas quanto o leite que não jorra. Mas, hoje quero dizer. E sei bem, que se eu calar, petrificarei. A começar pela língua. Medusa no espelho será a chave do dia.

Quero dizer-te uma dúzia de coisas, é esse o meu desafio. A pergunta estala no ar como se fosse o quebrar de finos galhos: como? A impressão que tenho é que qualquer palavra, por mais vistosa que seja, mais viscosa, é parca. E como falar a uma poetisa? É como querer ensinar ao mar para onde jogar os trançados de suas ondas. Conclusão: se até o homem precisa de velas que desdobrem os ventos, como poderia eu domar a última palavra que pretendo deitar neste papel? Percebo agora: o caminho é longo apesar de eu ter tempo. Enquanto isso, cambaleio.

Agora mesmo pensei numa coisa: *o deserto abre a grande boca / e eu sei da sede / do caminho do sul*. Lançar-se ao deserto é plano para secar águas, caminhar a nossa sede é como abrir os portões. Mas, é sem medo que me ponho à prova: existe limite que alcance o nosso corpo? O corpo resiste. O corpo, passante. Alguém, um dia, dirá que o nosso corpo é a nossa maneira de estar no mundo. Dirão também que a poesia é como o deserto que nos avisa do perigo, mas que, mesmo assim, saímos a desbravá-lo a procura de um continente.

As portas do Kalahari estão abertas e eu as queria encostadas para barrar um pouco do pó que insiste em cobrir minha face.

*meu rosto será um disfarce. / meu disfarce, o próprio rosto. / as portas, sei bem, não fecharão. / perderam-se as chaves. / restará eu, então: um homem com o coração na mão.*

[silêncio. silencio]

Tentarei eu ser claro mesmo sabendo que esta carta nem tem pretensões, nem epígrafes. Tentarei ser claro mesmo sabendo que antes da primeira luz, houve a noite. Pensei: a chama apaga quando não há mais pavio que queime: assim eu quero esta carta. Que ela dure enquanto houver tempo. Pensei de novo: a chama apaga, mas resiste, aos montes, a vela. Chegará dezembro a pesar o palpito de um novo ciclo enquanto ainda desmembro um rosário inteiro e me aqueço para escrever-te sem os dedos da mão: quero as palmas. E que as palmas apaguem a vela. Tenho perguntas até a minha quinta geração, mas, como

não quero as respostas, detenho as interrogações que querem assaltar este recado. Sem aviso, perfaço meu pecado de ser tudo menos exato. Quero que voem três pelicanos a endireitar seus bicos no lume do vento, pois estou prestes a começar a dizer. Não há aviso. Apenas o rito. Espere... *O belo rapaz ainda dança. Não cansa este corpo franzino?*

Ando às voltas com teus poemas, com seus versos no meu encaço. Existe limite para a poesia?

Há uma imagem de um sonho que tive. Era um poema teu. Uma mulher numa praça se sentava de cócoras debaixo de uma árvore. Seu cabelo sentava três pássaros, seus ombros mais seis, três de cada lado. Era uma macieira curta, mas frondosa, parecia a extensão dos cabelos soltos daquela senhora que, depois de algum tempo, vomitava penas aos bocados. Acordei assustado, mas, lembrei-me de algo e, bem baixo, recitei qualquer coisa como: não canta, solta os pássaros que lhe povoam a garganta. Peguei-me, depois, a decorar os poucos versos desta poesia que me aprontou um sonho. Desde então penso nesse sonho, Paula. Isso tornou-se um segredo a mim soprado, por isso devo guardá-lo e nem a ti direi o que ele a mim denuncia. Deterei essa informação, é meu esse sabor. Por quanto tempo não fui eu a minha própria gaiola? Fico bobo com a reposta e me apresso em abafa-la. Quanto tempo prendendo meus pardais? O canto de espera de que falas foi, para mim, uma vida inteira. Ria-me de mim mesmo enquanto polia minha gaiola. E agora? Afio a fresta ou derrubo a porta? Dessa cávea guardo somente uma coisa: uma pena retirada de minha própria pele, pois ela inaugura meus espaços. Um dia, meus braços serão ambos braços de pássaro e o mundo um só vento onde levantarei trezentos voos. Só o lume dos quatro ventos importará. A mulher de que falas será o meu destino. Espero conseguir abrir a boca, pois terroriza-me a ideia de não me largar o pássaro. Espero ter tempo para manter o prometido: *quem tem tempo / aguarda os relógios / e a promessa não virá cedo.*

A mulher de que falas também lembra a minha mãe. Quantos pássaros ela não matou enquanto ainda eram pequenas penas no útero ameno e calado? Quando ela abrirá a boca?

A boca muda de minha mãe parece uma gruta por onde ninguém passa: calado o desejo.

A boca muda de minha mãe parece uma fruta que ninguém colhe: calado o ensejo.

Terá ela tempo de fazer a promessa ou essa pressa fará breve tão rala existência?

*hoje eu não estou. / não me chame o nome, / sequei meu corpo / e pendurei no varal. / hoje só como o pouso dos pássaros.*

Creio que ela saberá o tempo exato.

O que você me diz disso, Paula? Certamente, suas palavras devem ser melhores que as minhas. Mas, preciso mudar de assunto.

Acontece também que não consigo apenas ler teus poemas e calar-me. A cada verso, a sensação de despejo de mim mesmo. Aproveito e denuncio as marcas que tu me deixas: escrevo. Peço licença, mas vou dizer um. O chamo *Paula*.

*não há suco no / corpo que balbucia / silêncio. // tampouco sulco / que manobre / as  
pontas dos*

*quatro ventos.*

E agora há o silêncio da pergunta que te faço: você gostou, Paula? O eco do vazio após essa interrogação me faz crescer no insondável vazio – e outra vez roubo teus versos.

Queria sentar-me contigo qualquer dia desses neste sul de que tanto falas, mas entre nós há a geografia que só cresce e eu sou pequeno. Queria segurar tua mão e pensar que seria bom estar contigo em uma tarde qualquer naquela vila largada nos teus versos. Queria escutar de ti o mais valioso poema e dizer que eu estive, certa vez, a escutar-te.

Acredito na poesia porque ela será capaz de aproximar os nós de nossas terras distantes. Porque ela refará o instante.

E o continente serei eu mesmo.

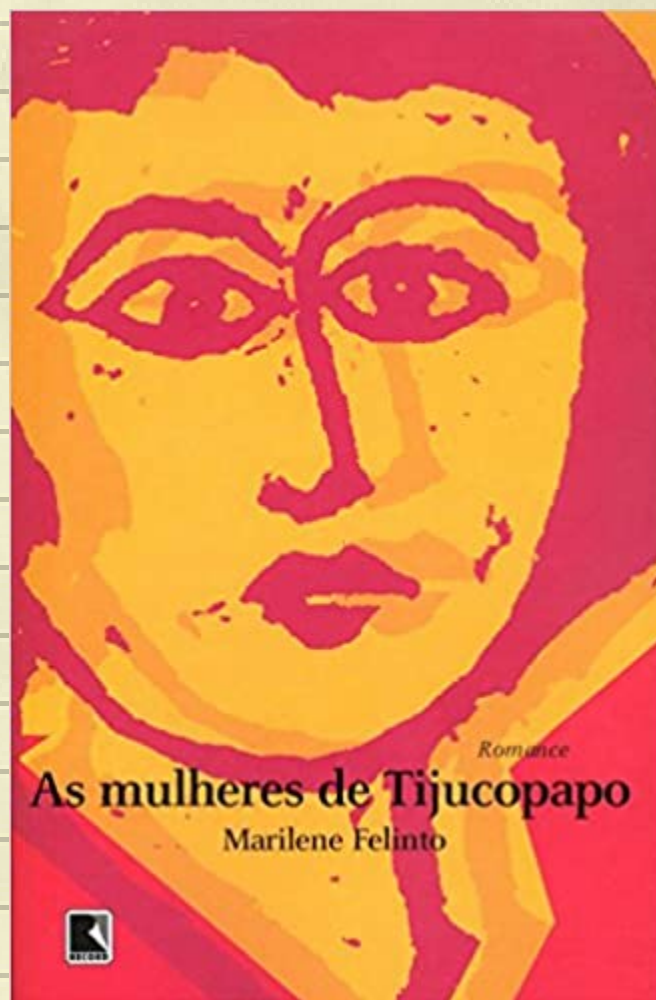
Estou perto do fim, esta carta está prestes a encerrar-se. E eu? Minhas mãos sossegadas agora pairam flanadas como o passarinho esquecido de seu ofício. Contudo, agora há uma força. Sinto que o pássaro está crescendo pelos meus braços, cantando nove vezes a música do dia.

Não quero matar a poesia, por isso me demoro neste final. Peço licença para um último suspiro, pois já é hora e devo parar por aqui. Por aqui é noite de outono e o clima está agradável. Acabei de passar para o dia seguinte: é meia-noite. Setembro, o nono mês. A promessa é a gestação.

*depois do primeiro pássaro / ajeite suas penas / para a cor do dia // sem hábito o corpo  
não voa, / o vento parado é / aleijo das asas. // e depois de tanto tempo / quero só o canto  
longe / de um pardal de mil cores.*

Existe limite para a poesia?

*Canniggia Carvalho*



Rio do Fogo – RN, 16 de setembro de 2015.

Querida amiga Marilene Felinto.

Tudo bem? Espero que sim.

Tenho andado muito pensativa com relação às minhas percepções da vida e nada melhor do que desabafar com amiga. Para melhor explicar meus pensamentos, pois faz um tempinho que não nos falamos, vou rememorar algumas coisas. Talvez eu não tenha comentado sobre todas com você... São impressões de um mundo que mais me abandona do que me completa. Paciência, minha amiga, você sabe o quanto gosto de falar.

Com catorze anos comecei a cultivar um jardim. Nele, eu tinha diversas espécies de flores: uns gerânios, alguns lírios e outros cravos. E assim eu ia vivendo e cuidando do meu jardim. Aos vinte e um anos conheci o girassol. Cuidar dele era como sentir os raios do sol no rosto num dia feliz de domingo, sentir a chuva num dia de calor escaldante, beber um copo cheio de limonada após uma atividade física. A cada dia que se passava eu queria plantar, regar, limpar e obter outras plantas que pudessem proteger meu Girassol. E o fiz. Ele cresceu viçoso, sempre limpo e bem cuidado, nunca só. Diariamente nós tínhamos os nossos momentos a sós, e esses momentos... Ah! Marilene, são momentos inesquecíveis e imemoráveis.

O Girassol fez meus dias serem os dias mais ensolarados que já vivi ele me trouxe a vitalidade de se sentir importante e única. Só que a vida nos reserva algumas surpresas espinhosas... Nenhuma planta está imune ao ataque de ervas daninhas... Após muitas batalhas para conseguir devolver o brilho ao meu Girassol, derrotei essa praga e voltamos a nos cuidar. Só que nossas conversas e diligências um para com o outro não seriam mais as mesmas... Eu com mágoa, ele com culpa. E de toda aquela beleza de cultivo me sobrou nostalgia e falta... Ou seria saudade? Sinceramente, não sei. Só sei da lacuna que ficou e isso também dói. Dói. Dói e edifica. Não, não. Dói.

Recomecei a cuidar do meu jardim. Um campo enorme com a terra seca e áspera. Foi muito difícil esse refazer. Foram muitos desafios, mas a vida continua. Novas ferramentas, novos ideais. Pesquisas, especulações, decisões.

Cultivei uma Agapanto Azul. Solo úmido e o sol a beijando. Suas folhas eram tão brilhantes ao sair do caule fino e delgado. Suas pétalas azuis me traziam uma paz, um estar viva, um encher de ar puro e fresco os pulmões após alguns instantes em estado de afogamento. Fiquei fascinada por sua estrutura e complexidade, quanto mais a visitava, mais a admirava e desejava ficar perto dela para me manter com seu ar jovial que me absorvia e penetrava em meus poros sem a menor chance de contestação da minha parte, ela cresceu em mim mais do que na terra onde eu a havia plantado. Desenvolveu em mim um sentimento nunca antes experienciado e eu fui sugada pelo misto de sensibilidade, ciúme, calores, afagos e sutileza. Sublimemente fui tomada por um desejo infundo de não deixar minha Agapanto Azul sozinha pois havíamos criado um laço de dependência entre nós. Nada doentio, só deixamos a Lua nos levar pelos caminhos mais sinuosos, por vezes torturantes, e edênicos provocados pelo apetite impulsivo dos querer.

Como será renascer sem ter morrido? Respondam-me, Deusas! E de tanto não morrer fico sonhando com renascer. E renascer é solução? E não morrer é problema? As situações me

fazem pensar que não há problema/solução ou renascer/morrer, o que existe sou eu dentro de mim querendo explicar para o meu ego o inevitável enquanto as Deusas me levam no colo para que eu possa suportar a dor do (sob)(re)viver minha vida.

Preciso continuar e passar. É isso: passar! Se tudo passa...

Mas que passar é esse que insiste em me lembrar que tudo aquilo que faz – ou fez – alguém feliz é eterno. As recordações imortais do bem são inacabáveis e imensuráveis e imutáveis.

Sabe quem me salvou dessa nostalgia melancólica?

Minha lucidez! Estou embriagada de dor mas estou lúcida.

Venha me visitar. Quero conversar olho no olho e estou precisando do seu abraço e da docilidade cruel do seu olhar a me acariciar com acalento.

Aguardo sua visita. Beijos!

Sua amiga,

Ângela de Santa Rita





## Carta à Nigéria

A noite em que ela subiu no bote. No dia em que vi o sal cair dos olhos da minha avó – mulher que nasceu da terra e vive para a terra e vai, certamente, para a terra – decidi correr o risco e fugir da Nigéria. Vovó nunca chorava na nossa frente, nem quando meu avó faleceu. Dizia que ele estava em paz com a natureza e que não havia necessidade de choro. Nesse raiar, porém, ela despertou com o grito da cabra no quintal: a pobrezinha definhara e morrera embaixo da mangueira que não dava mais frutos. A lágrima correu pelas rugas e eu corri para longe. Dei-lhe um abraço demorado e disse que tentaria chegar na Europa. Pus dentro de sete negros sacos: uma muda de roupas e o celular. Ligaria para o bar do Mali assim que chegasse nas praias da Grécia e pediria que ele avisasse para vovó que ainda havia esperança para nós. Em alguns meses, atravessei o Níger e agora estava com os pés na beira do mar. Em poucos instantes, estaria dentro de um pequeno bote saindo da Líbia rumo às terras claras da Europa. Comigo na embarcação iam mais dois caras: Popo – mudo por opção – e Iniko, o dono do bote. Colocamos nossas poucas bagagens no fundo do bote, com o entardecer, e empurramos a proa pelas areias negras da costa africana. Antecipadamente havíamos acordado com turnos para a vigia. Os guardas marítimos estavam

sempre de olhar atento nos pretos que tentavam entrar em suas terras, era preciso ter olhos de lince também. Pela manhã Iniko se responsabilizava; à tarde, Popo já que se prontificara a dizer suas únicas palavras: “não me incomoda o sol”; a mim restava a noite. A vida no mar não era tão gloriosa, tínhamos bolachas d'água e sal para comer e água por alguns dias. E uma melancia que Iniko ganhara de um mercador. Tínhamos muito sol e rachaduras na boca. E o azul que parecia não ter fim. Os rapazes não curtiavam muita conversa. Às vezes, Iniko puxava conversa para contar uma piada sem graça sobre os portugueses ou para se lamentar da garota que deixou na Líbia. Popo era sempre calado, trazia consigo uma revista de moda com ternos slim e caras loiros, e essa era sua única ocupação com o passar das horas. Eu sentia falta de vovó, sentia falta das estórias que ela contava sobre sua infância e sobre a vida dos nossos antepassados. O motorzinho do barco zunia e o céu se derretia em matizes, meus companheiros se esticaram na madeira despintada do bote e roncaram sob o céu estrelado da nação dos refugiados. O tempo se arrastava, o oceano assobiava nos meus ouvidos e o sono pesava nas pálpebras. Esse era o quadro do imenso azul, até um barulho me despertar do zozno no corpo. Pensei nos guardas e olhei em volta, não havia nenhum sinal de outra embarcação. Éramos os únicos em muitos metros de mar, isso era certo. Pensei em tubarões ou baleias e me atentei nas águas ao redor de mim. Uma pequena onda nadava na minha direção até que bateu no casco do bote e emergiu: era uma garotinha. — Ai!! — Mas... como?! De onde você veio? Quem é você? — estiquei os braços para tirá-la da água. — Meu nome é Janaína. E quem são vocês? — Me chamo Akin, estes dorminhocos são Iniko e Popo. Somos refugiados africanos e estamos indo para a Europa. Você estava em algum outro barco? Há mais de nós por esse pedaço de mar? — Talvez... Tem comida? A menina se sentou na proa e, por horas, contou estórias sobre o mar e sobre sua mãe enquanto a maresia tentava brincar com seus cabelos crespos. Disse-me que gostava do mar e de como ele mudava de tom quando alguma nuvem aparecia, e que gostava de melancia também. Quando o negro céu se esvaia, ela disse que tinha que partir, ou seus pais saberiam que ela fugira no meio da noite. Antes de sumir, perguntou-me se podia levar consigo a melancia. Atônito, não soube dizer sim, nem não e me questionava como ela nadaria por tantos quilômetros carregando a tamanha fruta nos braços. Apenas sei que me sorriu e levou-a. Iniko acordou para a vigilância e perguntou-me, frustrado, o que tinha acontecido com a melancia. Disse-lhe que afundou no mar. Quando acordei, no meio da vigília de Popo, vi a preocupação nos riscos pouco abaixo da sua careca. Olhei para o céu e não havia nenhum sinal de sol, apenas uma imensidão tão absurda quanto o mar. As águas de cima caíam, em breve. Iniko não sabia se o bote suportaria uma enxurrada e ainda faltava alguns quilômetros para chegarmos à praia. Ainda não caíra a grande tempestade. No entanto, pela primeira vez, depois de deixar



minha avó e minha terra, o mar dentro de mim transbordou. Foi olhando o entardecer que me deparei da loucura que havia feito. Imaginei vovó esperando por notícias minhas. Desatei os nós dos sacos plásticos em que carregava minhas coisas. Busquei o celular. Não havia rede. Um vazio na tela me fizera realizar que eu estava no meio do nada. Com dois estranhos. E o silêncio. Mudo. E o medo. Encarando o aparelho telefônico, um barulho me aparecia mais uma vez na água. Era Janaína. Estava estonteante. Trazia um colar de pedras verdes no pescoço. Parecia uma pequena sereia surgindo do fundo do mar para me carregar dos meus medos. Enquanto comia uma bolacha, me questionou: — O que vais buscar na tal Europa? E, sinceramente, eu não lhe sabia dar resposta. — Não sentes falta de ninguém na sua terra? — Isso posso responder — sorri. Sinto falta da minha grande mãe, minha avó. — Não tenho avós. Qual o nome da sua? — Zarina. Ela é uma grande sábia na nossa comunidade. Todos gostam muito dela... e eu nem sei lhe dizer o quanto sinto saudade... Os olhos cor das profundezas da garotinha se fixaram nas minhas mãos. — E o que é isto? — Nunca viu um desses? Se chama celular. Serve para falar com quem nos está longe. — E por que não fala com sua avó agora? — Já tentei. Não tem sinal... — devolvi o telefone ao saco e durante toda a noite, expliquei coisas do meu povo. Das crenças, das comidas, das famílias. Dos celulares, da fome, da guerra. Iniko me sacudia ainda pela manhã. As primeiras gotas caíam, tínhamos que nos organizar para chegar o quanto antes à costa. Popo já remava fortemente. Iniko punha as mãos na cabeça e me dizia: “Onde diabos você encontrou este colar, Akin?!!”. Tão pouco o tempo correu e a tempestade já estava ali. Popo e Iniko remavam. Eu, com a cuia das mãos, colocava a água para fora do barco. Em meio as explosões marítimas, e a tarefa de não fazer o bote afundar, dei-me conta de que faltava algo: o saco preto. Seria, de fato, o fim se não chegássemos na Europa. À noite, as ondas chegaram. Eram gigantes feitos de sal e espuma. E o nosso barco ondulava na tormenta. Não era comparável nossos esforços à fúria do mar. Iniko caiu na água. Popo se lançou para tentar salvá-lo. Cravei as unhas na falta de tinta da popa, senti as farpas entrando por debaixo delas. Agarrei o colar. Apelei às entidades. Clamava por Yemojá. Mas ela não me ouviu. \*\*\* O telefone do bar do Mali soou. O velho foi, as pressas, chamar Mãe Zarina. A velha pensou que a filha dele tinha dado a luz, mas não. Havia alguém esperando por ela do outro lado da linha do telefone. E carregada de esperança, ela correu. E correu. E esbaforida chegou ao gancho: — ...Alô?! — Olá. Não era a voz do seu neto. Ela pôs-se em prantos. — Não há necessidade para choro. Akin encontrou a paz agora. — a criança se despediu. E ao voltar para casa, Mãe Zarina encontrou um pé de melancia nascendo embaixo da mangueira, onde sua velha cabra havia morrido.

**“ Sou mulher e sou preta,  
então, tudo que faço  
tem que ter erros.  
Se não tiver, arranjam. ”**

Paulina Chizlane



Foto: (CC BY-SA) Fora do Eixo



Anis/Divulgação



## **CARTA ABERTA DE PAULINA CHIZIANE, MIA COUTO E UNGULANI BA KA KHOSA A AFONSO DHLAKAMA**

Moçambique, 09/12/2011  
Carta aberta a Afonso Dhlakama  
Exmo Sr. Afonso Dhlakama

Presidente da RENAMO

Com insistência escutamos os seus apelos para o recurso à violência como forma de tomada do poder. Estes apelos evocam o retorno a um tempo triste e sombrio por que a nossa nação passou.

Não fizemos ainda o luto desse tempo de guerra. Ainda choramos os milhares de inocentes que foram assassinados, as escolas e os hospitais que foram queimados, as ruínas e as cinzas onde deveria haver semente e esperança. Nenhum de nós se recompôs totalmente desse pesadelo. Ninguém que ame Moçambique e respeite o seu povo querará reviver essa tragédia. Nos últimos anos, nós moçambicanos, fomos capazes de produzir uma conquista valiosa e rara: a Paz. Essa conquista fez crescer, em todo o mundo, o respeito por Moçambique. Como escritores sentimos orgulho de fazer parte dessa heróica epopeia. Essa obra de

reconciliação também lhe pertence a si e à organização política que dirige. A Paz e a Democracia em Moçambique não andam à procura de filiação paterna. Nenhuma pessoa, nenhuma força política se pode intitular pai ou proprietária dessas conquistas que apenas pertencem ao povo que superou o passado e se fez construtor do presente. O senhor Presidente da RENAMO poderia ficar na história de Moçambique como alguém que ajudou a consolidar o processo de pacificação e o reencontro dos moçambicanos consigo mesmos. As suas declarações, contudo, deitam a perder essa possibilidade. Nenhum dirigente político se pode orgulhar de usar o medo como forma de fazer valer as suas intenções. A nação moçambicana não pode ficar refém do retorno à violência. Os moçambicanos sabem que serão eles (e não os políticos que encomendam os conflitos) as maiores vítimas da violência. Os nossos compatriotas anseiam demasiado o futuro para tropeçarem no medo do passado. Os moçambicanos esperam dos dirigentes políticos que façam política. E que façam política para servir o povo e não para se servirem dele, usando-o como carne para canhão. Os moçambicanos, de todas as cores políticas, estão unidos numa única certeza: a guerra, nunca mais.

### Paulina Chiziane, Mia Couto e Ungulane Ba ka Khosa





## A CONFISSÃO DO SILÊNCIO

### *Uma carta para Paulina Chiziane*

*Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.*

*Manoel de Barros*

Li em muitos lugares sobre o silêncio das mulheres. Há infindáveis estudos sobre o tema, dos mais variados graus e estilos. Diante disso, me remonto ao passado imemorável da criação do mundo, o das coisas primeiras. De quem foi o primeiro silêncio do mundo? De uma mulher? Pensando assim, no ser que primeiro teve sua voz calada seja lá por que motivos, tento compreender os silêncios que percorreram a história das mulheres de uma nação inteira, as de meu país, as de minha família.

Foi as margens de um rio, numa cantiga de viola, que a primeira mulher de minha estirpe foi condenada ao silenciamento. Era Augusta. A vó de minha mãe. A mulher mais longínqua de quem ouvi falar. Minha mãe contou-me sobre ela, que na frescura de seus treze anos, sentada na escadaria da fazenda onde morava, admirou uma única vez os vaqueiros tocando viola em volta de uma fogueira. Nunca me foi dito da beleza daquela noite. Se a lua estava no céu, se havia estrelas. Todas

estas outras coisas da cena moram dentro de mim, como uma memória quase perdida, como se fosse eu mesma a lembrar deste episódio. Quando foi pega assim, sentada, solitária, a contemplar em suspiros aquela noite sertaneja, não a pouparam em nada. Era inaceitável que uma moça de sua qualidade tivesse tal comportamento! Foram as palavras de seu pai. Um homem poderoso e rígido, que tratou de casar a filha com um dos homens que estavam por ali naquela noite e de expulsá-los juntos de suas terras condenando-os a viver miseravelmente em algum outro lugar. Não vou descrever a tristeza com que minha mãe me contava essa história. Mas ela sempre me repetia. Desde a infância.

E eu me pego por vezes a pensar o que dizia a primeira cantiga das mulheres de minha família. Na minha estirpe tudo começou na história de uma noite. Não sei se era a noite mais bonita do mundo, só sei que a vó de minha mãe nunca falou sobre o amor de um homem. Como todas as mulheres de sua época, casou-se muito cedo e teve muitos filhos. Perdeu uns tantos por fraqueza, mas sete deles sobreviveram. Não sabia escrever. A solidão e os tecidos eram sua grande companhia. Em silêncio, teceu enormes bordados, várias cobertas que me destinaram de herança para enfeitar o meu leito. O que todos aqueles nós formando desenhos de flores significavam? Desato os fios da memória para que as minhas palavras tracem seus pensamentos e afetos e nisso todas nós mulheres escritoras temos muito em comum: contar histórias é uma ousadia.

Havia ordens superiores para que esta carta nascesse. Perdoe-me as palavras se, por hora, elas carregarem algum peso. É que as palavras são constituídas de memórias e olhar para trás é uma tentativa interessante para compreendermos a nós mesmos. E quando surgiram os motivos para que eu, uma jovem leitora de tuas histórias, te escrevesse uma carta, tomei esse rumo: fui de encontro a mim. Mesmo assim te escrevo uma carta, que é como aventura numa garrafa ao mar. Ao mar! Exclamou os homens que aportaram, por descuido, na minha nação. Trouxeram doenças, violação e silêncio. O que há pouco eram danças tornaram-se marchas militares de violência. Intolerância missionária incontida. Sobrevivemos de renúncias. Chamaram-nos de exóticos. Disseram que não tínhamos alma. Nossa morada tornou-se a ânsia de ganhos fáceis. De interesses. A fé instaurada foi o nosso único consolo. A solidão inscreveu-se em nossa essência. Mataram nossos deuses.

Por um instante, ao dizer tais coisas, penso que a história de Brasil e Moçambique parece a mesma e confesso que tenho uma vontade imensa de conhecer Moçambique. De norte a sul.

Sou litorânea. Quando eu era pequena e minha mãe me levava para tomar banho de mar ela passava horas a olhar para a imensidão. E eu perguntava para onde ela estava olhando. Ela me dizia que se olharmos bem, bem forte, para além do horizonte do mar, a gente consegue ver a terra que está do outro lado. O outro lado do oceano atlântico. A África inteira. Na escola me diziam que os escravos vinham de lá. Na escola eu não perguntava muito. Sempre desconfiei de tudo e queria ver as coisas e mostrar ao mundo que eu tinha razão. Mas os livros não contavam histórias diferentes da dos professores. Os livros traziam figuras de gente amontoada em navios, com pouca roupa, pele amostra, o que dava pra ver que eles eram bem escuros e bem diferentes das pessoas da minha escola. E eu me perguntava por onde andavam todas aquelas pessoas que eu não via em lugar nenhum na cidade. Nas figuras dos livros ninguém parecia feliz. Mas e lá no horizonte longe que minha mãe dizia, na outra margem do mar, as pessoas eram tristes também? Eu não sabia de nada. Um instante de tristeza me tomava. Aquelas pessoas no navio não sabiam para onde estavam indo. Eu fiquei em choros. Desesperada. E se naquele instante - eu e minha mãe brincando na praia - viesse um navio gigante e nos raptasse dali? Se nos levassem de repente, com nossa roupa de praia para bem longe? Meu deus! Que pesadelo! Fiquei inquieta, mas logo me acalmei. Eu não sabia de nada daquilo. Me calava antes, na angústia de saber.

Quando cresci um pouco mais e o meu pai abandonou minha mãe e eu, descobri onde as pessoas mais escuras se escondiam. Era janeiro de 1999. Minha mãe não tinha emprego há muito tempo. Ficamos de casa em casa. Quase na rua. Não tínhamos nada. Desde que eu era uma semente dentro de mamãe, meu pai proibiu que ela trabalhasse. É claro que de início não parecia uma ordem. Era cuidado. Conforto. Promessas de felicidade. Tudo era como as flores delicadas e harmoniosas bordadas em seus cobertores. Depois que eu saí de seu ventre, ela me disse um dia chorando que as coisas ficaram bem diferentes. Eu que aos seis anos fui a sua única confidente. Eu que vivi muito a ver choro das pessoas.

Quando ela conseguiu trabalho de cozinheira na casa de gente, fomos morar numa vila distante. As casas eram juntas. Pequenas. Tristes. As ruas de barro. As crianças iguais a mim eram escuras. O que para muitos parecia miséria, para nós era a liberdade. Eu aprendi a subir em

árvores. Passava o dia inteiro brincando de cozinha com o barro da rua. Indo de contra tudo o que meu pai detestava. Proibia. Minha mãe passou a ter amigas. Ouvir música. Cantar. Aos poucos, a casa da vila encheu-se de plantas e bichos. E eu acompanhava todos os passos de mamãe.

Levarei para o resto da minha vida estas recordações. Minha infância foi grande. Ela se espalha no que sou até hoje, no que vou ser sempre. E as histórias de tuas personagens, cara Paulina, se parecem com cem mil outras histórias reais de mulheres que vi e ouvi nessa minha vida. Em tuas histórias pude compreender mais sobre mim e mais sobre o mundo. Pelas tuas histórias olhei para os silêncios de minha mãe com outros olhos. Olhei para o amor com outros olhos também. Refleti um pouco mais sobre o que é ser mulher. E levarei para sempre comigo a sua atitude. A sua coragem. A tentativa de entender o que está em torno de nós. As injustiças. O ato de escrever.

Estou hoje convencida de que não há como entender o silêncio das mulheres. Todas nós conhecemos as mais variadas causas e os estudiosos também sabem disso. É difícil o Poder admitir-se injusto. O erro é sempre do outro. Do passado. Da História. Do que está muito distante. Da religião. Do destino. Das Normas. Do intocável. Como se todas estas coisas não fossem feitas de gente.

Tuas histórias, Paulina, são sem data e isso é muito significativo. Elas são para mim a confissão do hoje. A confissão do silêncio imemorable das mulheres que ainda perdura. E se a vó de minha mãe não estivesse morta, e se ao invés de uma vida de misérias e de um casamento precoce ela pudesse ter escolhido o destino de sua vida? Se ela soubesse escrever e fazer versos o que nos contaria? Do rio e da lua? Das cantigas que ouvia? Da beleza viril daqueles homens? Sem respostas percorro um abismo inteiro. As ervas são sempre pisoteadas, mas nunca desistem de nascer e de multiplicar-se na imensidão dos pastos. As flores rompem asfaltos. É por isso que escreves e é por isso que te escrevo. Contar histórias é um direito de existir.

*Igara Dantas.*

*Natal, outono de 2015.*







## Incomplète

### II

Nestas terras, muito antes de eu, você ou nossos avós andarem por elas, muito antes mesmo das grandes árvores nascerem e barrarem os ventos do norte, alguns espíritos circulavam livremente por elas. Cansados deles, os deuses os prenderam cá.

Mas não pense você que eles eram como nós. Não, não. São espíritos antigos. Espíritos de nossas essências humanas. E entre eles, as coisas não estavam nada bem. Estavam desarranjados entre si. E quando a situação chegava a esse ponto, os orixás organizam um tipo de cerimônia para que os espíritos se restabelessem. Era como uma festa. Uma espiritualização. Para que um sentisse a energia do outro.

Nessas cerimônias, o espírito da felicidade era sempre o primeiro a chegar – às vezes sem convites, motivos ou belos trajes – e o da Tristeza era o último a sair, quase sempre acompanhada do amor.

Stênio Victor S.



"Tenho doze anos. Ao entregar a  
roupa limpa  
me indicam a entrada de serviço  
mal iluminada.  
O menino desliza o hades das  
garagens  
adivinha a campainha em braile.  
A cozinha abre a porta  
(até quando fará os mesmos  
gestos)  
sorri recolhe as peças  
e mergulha outra vez  
no Brasil colonial.  
Será o doublê de mucama que  
areou vasilhas  
sábados a fio?  
e engomou por força o próprio  
destino? "

Trecho de "Caderno de Retorno" por  
Edimilson de Almeida Pereira



Edimilson de Almeida Pereira - Poeta Mineiro



## CARTA RESISTÊNCIA



### Poemas de Jan Clefferson

#### I - ESTRELAS CINTILANTES

Radiantes esferas de plasma reluzente  
Por causa da fusão nuclear são siderais  
Sua massa total que é densa e brilhante  
Lance luz sobre os estados evolucionais  
Orbitando pelo espaço sem ter colisões  
Medidas comparadas com o globo solar  
Sempre juntas vão formar constelações  
Referências para a jornada interestelar  
Nata o berço das nuvens moleculares  
Pela pulsão de vida própria consumida  
Distantes do mundo lançando fulgores  
Uma delas cadente e vagando perdida  
Colapsos em seu corpo incandescente  
Dançar cintilante no caos dentro de si  
Perguntando-se agora da outra diante  
De quais galáxias viemos nos ver aqui?

## II - POETAS ANTI-HEROICOS

A arte para as elites em museus de luxo:  
Um alimento para quem saboreia o lixo;  
Obras presas libertadas pelo novo fluxo,  
Destruindo as limitações do espaço fixo.

Galerias enquadrando a criação estética:  
Em vitrines opulentas a pedrada básica;  
Atacar o capitalismo junto à sua lógica,  
Destruir para construir deve ser a ética.

No teatro dismantelar o lugar do palco,  
Para poder entre os atores estar o povo;  
Em paredes opressivas abrir um buraco,  
Para a música mostrar seu delírio louco.

Reduzir as esculturas a detrito absoluto,  
Transformando a todas elas em entulho;  
Pulverizar uma literatura sem conteúdo,  
E poder ver se no incêndio existe brilho.

Expulsar das palavras a sua maiúscula,  
Destroçar seriedade de maneira lúdica;  
Sintetizo esse poema em uma fórmula:  
Que a réplica jamais seja uma súplica!

## III - IMAGEM PERVERSA

Viu na beleza a finalidade da própria vida  
E vendeu a sua alma para não envelhecer:  
Insensível atravessa em viagem só de ida  
As torpezas viciantes a procura de prazer.

Os sentidos entorpecendo irrestritamente,  
Sem com isso ver seu corpo se decompor:  
Transferindo para um quadro horripilantes  
As maldições que sobre si mesmo lançou.

Assassinando o pintor dessa obra maldita,  
Induziu ao suicídio uma atriz apaixonada,  
E por vingança quase morre estrangulado.

O remorso por fim vem fazer-lhe a visita,  
Esfaqueia furioso a sua imagem acabada,  
E a estética do cadáver retorna ao retrato

SOU PRETA  
SOU MULHER  
SOU FAVELADA



E NÃO FOI ACIDENTE

**Eu** escrevo poesias...as vezes. Crises eu tenho sempre. Há hiatos gigantes entre as minhas palavras...minha produção não é contínua, não é frequente. Escrevo de forma espaçada...por vezes, meeeeeega espaçada. Nem me lembro a última vez que escrevi alguma coisa. Esse tempo é minha crise. Essa mudez é minha crise. As vezes me sinto constrangida em me chamarem de poeta, poetisa, escritora, por conta dessas crises e outras tantas...Não sei se posso carregar esse "título" quando vejo outras mulheres que admiro tão dedicadas às palavras, numa forma de dedicação que não consigo ter. Fico pensando se posso mesmo ser considerada uma delas, muitas que tanto respeito e com quem apre(e)ndo tantas coisas. Por outro lado, sei bem o quão nunca nos foi permitido estar nesses espaços, ter esse reconhecimento, sermos consideradas integrantes desse universo destinado à outrxs e repenso se realmente vou me prender a tempo ou produção contínua para me considerar uma poetisa (prefiro esse termo). No fundo, sinto uma necessidade imensa em ocupar também esse espaço e penso que talvez essas minhas crises sejam frutos desse apartheid literário que historicamente herdamos, nós mulheres pretas periféricas, quando a representatividade sempre esteve longe do nosso alcance e o nosso lugar na sociedade já estava reservado nos porões dos navios negreiros, nas senzalas, nos quatinhos das empregadas. "Curiosamente", esta mesma inquietação senti e sinto em me afirmar como atriz, como historiadora, como aprendiz brincante das culturas tradicionais, atividades todas que exerci ou exerço cotidianamente, mas que sinto imensa dificuldade em me intitular em cada uma delas, ao mesmo tempo que me são vitais e parte de quem tenho sido nos últimos anos. Ando pensando muito a respeito...muito mesmo. Já me disseram que isso é uma grande bobagem, coisa de quem tem crise existencial... E eu nessa berlinda do pensamento, quase acreditei e somatizei mais uma crise nas minhas crises...Uma meta-crise. Mas, pensei bem e concluí que, na real, essa crise é histórica, fruto de uma camada de opressões que enfrentamos até antes de nascer e raras vezes temos consciência plena do que nos causa o patriarcado, o racismo, o machismo e todo azar de males sociais impostos ao longo do tempo e contra os quais lutamos diariamente, a todo momento tentando nos desemaranhar deles. Enfim... Muitas questões sobre as quais vou refletir ainda um bocado de tempo ou pela vida toda.... O fato é que, em meio à essa minha crise histórico-poética, ontem, ao falar uma das minhas poesias (Mojubá) durante o Encontro de PLPs, encontrei a personagem sobre quem escrevi (sem conhecer)



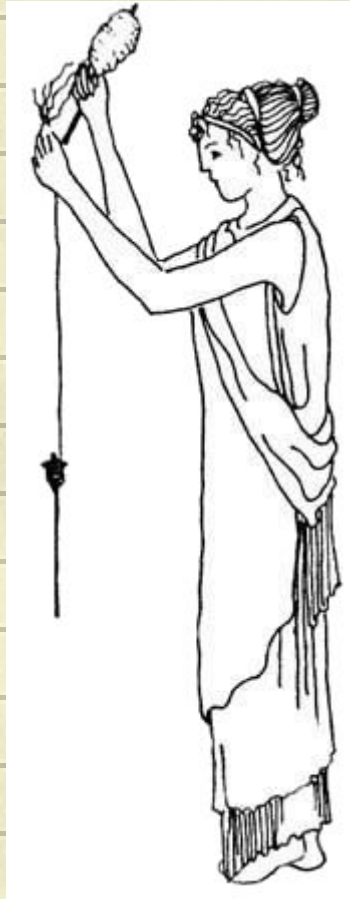
lá...sentadinha com lenço na cabeça... atenta...com os olhos fitados em cada palavra que eu falava... meneando a cabeça em concordância de que "Preta Véia cansô! Preta Véia ta cansada! Preta Véia mandô dizê que aqui nesse terrêro tu num gira...". Esta é Dona Nazaré da União de Mulheres, com quem, em seguida, tive a oportunidade de ter uma conversa emocionada e entender que o que menos importa é o tempo que eu levo pra escrever ou frequência da minha escrita... Vale mais a poesia.

Queila Rodrigues

#MàximoRespeitoÀsQueVieramAntes



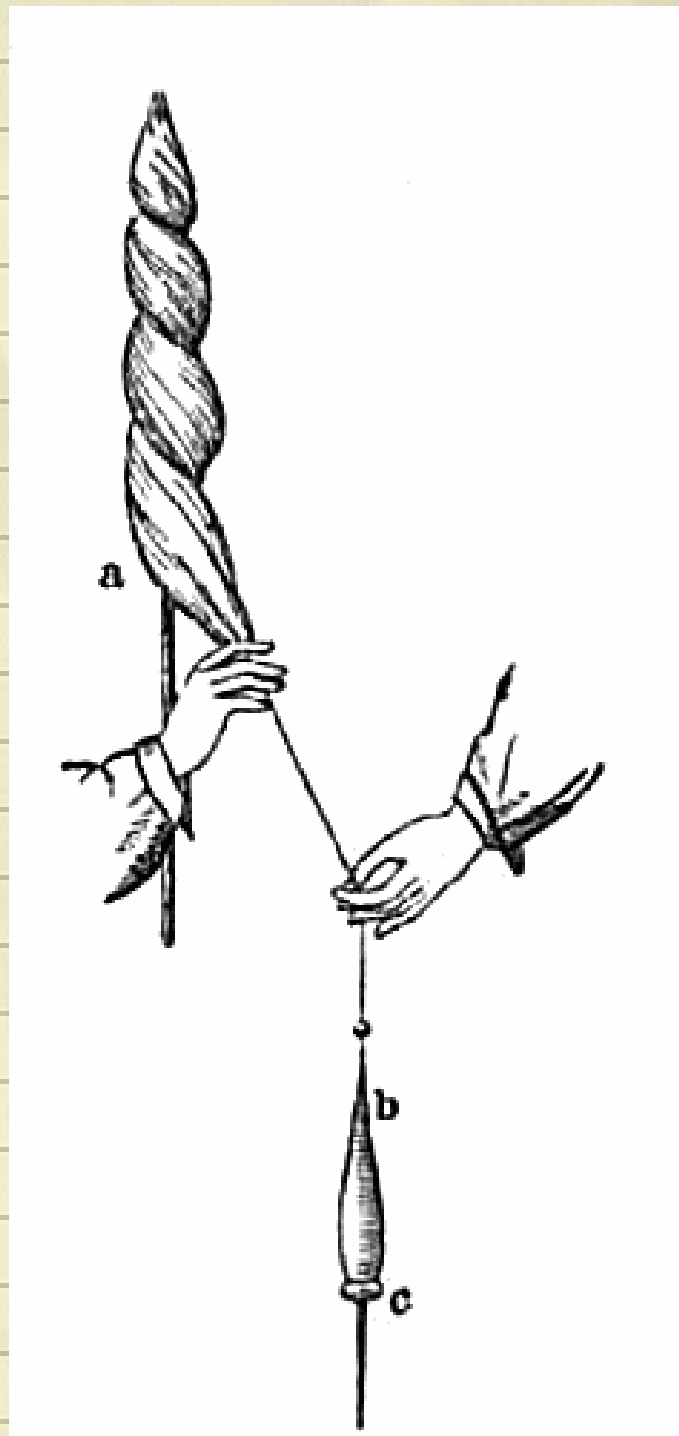




### ÁTROPOS

Há dia e hora no qual o fio  
é partido com precisão e sem o menor  
laivo de piedade, ninguém pode  
se furtar à fatal ruptura  
que acomete o vivente onde quer que  
esteja, faça ou diga. Apenas  
deve se resignar ao átimo  
no qual se fana o que houvera  
sido de qualquer partida,  
de ordem qualquer, com qualquer  
gosto de sumo ou espécie.  
Há o certo: nada podes alargar  
na determinada hora onde se cumpre  
a reta, o prumo, o plano, o ponto  
de ruptura entre a luz vista  
e as sombras definitivas do repouso.

Márcio de Lima Dantas, 19.05.2012



## Baudelaire e a luz dos olhos de Marie

**Carlos Eduardo Galvão Braga**

Em artigo publicado, entre nós, pela revista *Serrote*, o ensaísta e escritor argentino Alberto Manguel observa que “Toda carta de amor é uma declaração de fé” na pessoa do outro, instância indispensável à constituição da identidade própria do indivíduo humano. Para Manguel, aquilo que uma carta de amor, com seus artifícios necessários à produção do encanto, revela ao seu leitor, seja este seu verdadeiro destinatário ou os leitores intrusos que somos nós, é “uma terceira pessoa, essa ‘*amada en el amado transformada*’ que buscava San Juan de la Cruz. É possível”, aventura o ensaísta, “que num texto amoroso, nós percamos algo de nossa singularidade, de nosso egoísmo, para alcançar um estado plural, uma existência compartilhada e generosa. Somos quem somos, mas só porque o outro existe, esse outro que, por sua vez, ganha realidade como fantasma de nosso desejo<sup>2</sup>.”

Em razão desse caráter de generalidade, inerente a toda correspondência amorosa e expresso na possibilidade, para o seu leitor, de um compartilhamento imaginário que se sobrepõe às contingências de espaço e tempo, Manguel sugere que se faça das cartas de amor uma leitura “casual, aleatória”, confundindo propositalmente “épocas e nacionalidades, idades e sexos, pouco importando quem pronuncia a declaração de amor e quem a aceita ou a recusa.” Por isso os personagens das cartas de amor não têm, segundo ele, outro nome senão Amado e Amante. Referências com valor de universalidade, eles nos ajudam a conhecer um pouco melhor a “surpreendente variedade de nossos candentes corações<sup>3</sup>.”

A carta de Baudelaire de que damos aqui uma tradução pode, sim, ser lida como a enunciação de um sentimento presumivelmente universal, embora, além de,

---

<sup>2</sup> Alberto MANGUEL. Cartas de amor. *Serrote*, nº 15, São Paulo, novembro 2013, p. 236. Tradução de Samuel Titan Jr.

<sup>3</sup> Idem, p. 239.

tantas vezes, vivê-lo às tontas, não sejamos capazes de encontrar para ele uma definição plenamente satisfatória. Mas o leitor talvez não acate a sugestão de Manguel, preferindo ir além daquilo que, em determinada missiva, é mera submissão à retórica geral do sentimento amoroso e surpreender nas entrelinhas, não o Amante genérico e, por assim dizer, impessoal, mas o homem singular que a escreveu e a enviou a uma mulher com endereço residencial, marca de vacina e olhos incomparáveis. Não vivemos, senão excepcionalmente, na generalidade das coisas. E estamos suspensos aos acontecimentos da micro-história, a única sobre a qual podemos ter certa influência.

Assim, tudo leva a crer que esse leitor curioso, sempre faminto de pormenores, que em geral somos todos nós, não será indiferente às circunstâncias particulares que envolveram a produção e a circulação de determinada carta de homem ou mulher célebre, dando a ela sua forma peculiar e determinando o poder de impacto que ela terá sobre seu receptor. As cartas, assim como as pessoas, têm sua história, muitas vezes tortuosa e, por isso mesmo, fascinante.

De todas as cartas de Baudelaire, é esta, sem dúvida, a mais enigmática. O endereço do remetente – *Cité d'Orléans, 15* – só aparece uma vez na sua correspondência (aqui, precisamente), e nesse logradouro parisiense que foi endereço de artistas e escritores (entre eles, o casal Chopin e George Sand), não existia o número 15 indicado por Baudelaire. Tampouco se pode afirmar, com base no seu texto, que essa carta tenha sido realmente endereçada à atriz Marie Daubrun, cujo primeiro nome apareceria no vocativo. O segundo editor da carta, J. Claretie, descrevia (em 1900) sua destinatária como uma mulher que havia sido modelo na juventude e, previda por dificuldades financeiras, foi ser faxineira na casa de um pintor (Georges Cain, provavelmente), a quem ela deu a carta. Marie, nesse caso, poderia ser Maryx, próxima de Baudelaire, modelo cujo nome Théophile Gautier menciona ao relatar seu primeiro encontro com o poeta d'*As flores do mal* em 1849.

Nessa carta que parece ter sido ditada por alguma lição do “secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar

às mulheres”, como escreveu Bandeira, o tratamento de “*Madame*”, aplicado a uma mulher solteira – Marie ou Maryx –, pode denotar, observou Claude Pichois, “um arcaísmo de cortesia e se assemelhar a uma promoção”. A despeito dos artifícios retóricos de que sempre se valem o Amado e a Amante para dizer a intensidade, a singularidade e o tamanho do seu amor, e que podem transformar a expressão pessoal num mero decalque, Pichois conclui que, “em 1852, nada impediria a pessoa tão solenemente e tão intelectualmente cortejada por Baudelaire de ser Marie Daubrun<sup>4</sup>.”

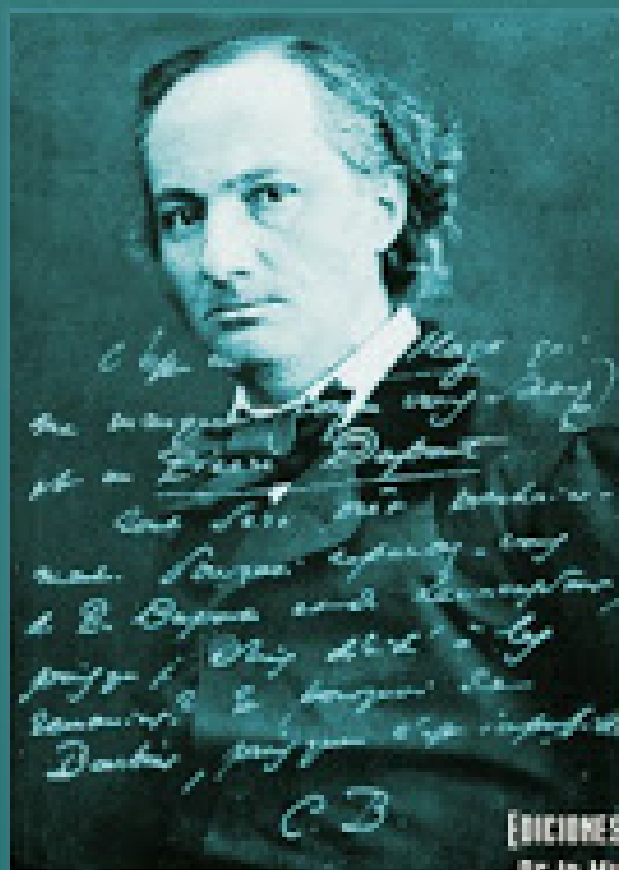
A atriz Marie Daubrun, destinatária desse enigma epistolar, inspirou a Baudelaire alguns dos mais belos poemas d’*As Flores do Mal*: *Le Beau Navire* [A bela nau], *L’Invitation au voyage* [O convite à viagem], *L’Irreparable* [O irreparável], *Causerie* [Conversa], *Chant d’automne* [Canto de outono] e o “poema-vingança” *À une Madone* [A uma madona]. Nascida em 1827 (seis anos depois do poeta) e conhecida no meio teatral parisiense como *La Belle aux cheveux d’or*, a Marie Daubrun cujos olhos verdes fascinaram Baudelaire, e com quem ele manteve, por duas vezes, uma relação tão breve quanto tempestuosa, morreu em Paris, ao desamparo, no ano de 1901<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> BAUDELAIRE. *Correspondance*, I (janvier 1832-février 1860). Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler. Paris : Gallimard, 1993, p. 799-800. Todas as informações relativas à carta que se vai ler a seguir, constantes deste parágrafo e dos anteriores, provêm dessa primorosa edição da correspondência ativa de Baudelaire. A carta dirigida “À *Madame Marie*” está no mesmo volume, p. 180-183.

<sup>5</sup> Claude PICHOSIS; Jean-Paul AVICE. *Dictionnaire Baudelaire*. Tusson, Charente : Du Lérot, 2002, p. 143-144.

CHARLES BAUDELAIRE  
 QUERIDA MAMÁ  
 CARTAS A LA MADRE  
 1834 - 1859



EDICIONES  
 DE LA MINERVA



Paris, cité d'Orléans, 15

[Início de 1852?]

Senhora,

Será mesmo possível que eu não deva mais revê-la? Essa, para mim, é a questão que importa, pois cheguei àquele ponto em que sua ausência já constitui, para o meu coração, uma privação enorme.

Quando soube que a senhora desistia de posar, e que, involuntariamente, seria eu a causa dessa desistência, senti uma tristeza estranha. Quis lhe escrever, embora seja pouco chegado às escritas. Delas, quase sempre nos arrependemos. Mas não estou arriscando nada; já tomei a decisão de me entregar à senhora para sempre.

Sabe que nossa longa conversa de quinta-feira foi muito singular? Foi essa mesma conversa que me deixou numa situação nova, motivo desta carta.

Um homem que diz: “Eu a amo!”, e roga – e uma mulher que responde: “Amá-lo? eu? jamais! Somente um tem meu amor. Triste de quem chegar depois dele; só receberá de mim a minha indiferença e o meu desprezo!” E esse mesmo homem, para ter o prazer de olhar seus olhos por mais tempo, deixa que a senhora lhe fale de outro homem, que só fale dele, que só se inflame por ele e só pense nele. De todas essas confissões, resultou um fato bem singular: para mim, a senhora não é mais simplesmente uma mulher desejada, mas uma mulher amada por sua franqueza, sua paixão, sua vivacidade, sua juventude e sua loucura!...

Eu perdi muito com essas explicações, porque a senhora foi tão decisiva que eu tive de me submeter de imediato; mas a senhora ganhou muito. A senhora me inspirou um respeito e uma estima profunda. Seja sempre assim e conserve bem essa paixão que a torna tão bela e tão radiante.

Volte, eu lhe suplico, e me farei delicado e modesto nos meus desejos. Eu merecia seu desprezo quando lhe respondi que me satisfazia com migalhas. Estava

mentindo. Oh! se a senhora soubesse como estava bela naquela noite!... Não me atrevo a lhe fazer elogios. É coisa tão banal! Mas os seus olhos, a sua boca, toda a sua pessoa viva e ardente passa, agora, diante dos meus olhos fechados, – e eu sinto que é mesmo definitivo. Volte, eu lhe peço de joelhos; não digo que a senhora vá me encontrar sem amor, mas também não poderá impedir meu espírito de vagar em torno dos seus braços, de suas belas mãos, de seus olhos, em que reside toda a sua vitalidade, de toda a sua adorável pessoa carnal. Não, sei que a senhora não pode; mas fique tranquila, a senhora é para mim um objeto de culto, e ofendê-la, coisa impossível para mim; eu a verei sempre tão radiosa quanto antes. Toda a sua pessoa é tão boa, tão bela e tão doce de respirar! A senhora é para mim a vida e o movimento, não tanto, precisamente, devido à rapidez de seus gestos e à face violenta da sua natureza, mas por causa dos seus olhos, que só podem inspirar ao poeta um amor imortal.

Como lhe dizer a que ponto eu amo seus olhos, o quanto aprecio sua beleza? Essa beleza contém dois encantos contraditórios, e que, na sua pessoa, não se contradizem: a graça da criança e a da mulher. Oh! acredite, eu lhe digo do fundo do coração, a senhora é uma adorável criatura, e eu a amo bem profundamente. É um sentimento virtuoso, o que me prende para sempre à sua pessoa. A despeito de sua vontade, a senhora será doravante minha força e meu talismã. Eu a amo, Marie, é inegável, mas o amor que eu sinto pela senhora é o do cristão pelo seu Deus. Por isso não dê jamais um nome terrestre, quase sempre vergonhoso, a esse culto incorpóreo e misterioso, a essa atração amena e casta, que une minha alma à sua, contrariando sua vontade. Seria um sacrilégio!

Eu estava morto, a senhora me fez renascer. Oh! a senhora não sabe o quanto lhe devo! Colhi em seu olhar de anjo alegrias ignoradas; seus olhos me iniciaram na ventura da alma, com tudo o que ela tem de mais perfeito, de mais delicado. De agora em diante, é a senhora minha única rainha, minha paixão e minha beleza; a parte de mim mesmo que uma essência espiritual formou.

Graças à senhora, Marie, eu serei forte e grande. Assim como Petrarca, imortalizarei a minha Laura. Seja meu anjo da guarda, minha Musa e minha Madona, e me conduza pelo caminho do Belo.

Queira me responder com uma só palavra, eu lhe suplico, uma só. Existem, na vida de toda a gente, dias duvidosos e decisivos em que um testemunho de amizade, um olhar, uma garatuja qualquer nos levam à tolice ou à loucura! Eu lhe juro que estou assim. Uma palavra sua será a coisa bendita que se olha e se aprende de cor. Se a senhora soubesse a que ponto é amada! Veja, eu me coloco aos seus pés; uma palavra, diga uma palavra... Não, a senhora não a dirá!

Feliz, mil vezes feliz aquele que a senhora escolheu entre todos, a senhora, tão cheia de sabedoria e de beleza, tão desejável, talento, espírito e coração! Que mulher poderá algum dia substituí-la? Não me atrevo a solicitar uma visita que a senhora me recusaria. Prefiro aguardar. Aguardarei durante anos, e quando a senhora se vir obstinadamente amada com respeito, com um desinteresse absoluto, então vai se lembrar que começou me maltratando, e reconhecerá que agiu mal.

Enfim, não sou livre para esquivar os golpes que ao meu ídolo convém aplicar. Foi-lhe agradável mandar-me embora, agrada-me adorá-la; é caso encerrado.

CH. BAUDELAIRE.



São Paulo, 19 de maio de 1970.

Monsieur Baudelaire

Escrevo-lhe estas linhas e desde já peço desculpas pela ousadia deste ato; afinal, sou uma total desconhecida para o senhor, mas o contrário não é exatamente o mesmo. Comecei a estudar seus textos e estou surpresa com a atualidade de suas ideias e seu amor pelos gatos.

O senhor já não está entre nós há quase 150 anos, e talvez não saiba que seu pensamento inovador, que criou a lírica moderna lá nos meados do século XIX, surtiu um efeito extraordinário nas gerações que se seguiram. Alguns dos temas que o senhor focou naquele período final da predominância do Romantismo em busca de uma nova estética, com o "satanismo", a "religiosidade", o "flâneur" e mesmo as "correspondências", perduraram desde o Simbolismo e foram sendo atualizados. Nos últimos cinquenta anos, sua obra

crítica e poética tem sido objeto de estudos acadêmicos e razão de contínuos experimentos e descobertas, a partir da divulgação de seus textos pelo estudioso e pesquisador Walter Benjamin.

O senhor se lembra do que respondeu sobre o que é a arte pura segundo a concepção moderna? A pergunta foi sua e a resposta também: "É criar a magia sugestiva que contenha o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista."<sup>6</sup> Coisa de gênio, mesmo! Como é uma definição bastante ampla, entendo que se aplicou de início às artes plásticas, mas também à poesia (na verdade foi o que aconteceu, por sua própria iniciativa). Esse seu pensamento realmente escancarou as portas da imaginação para os poetas que vieram a seguir.

Nas últimas décadas, a produção artística (sim, nesse meio tempo o artista perdeu sua aura e sua arte virou produção) e os estudos críticos muito se desenvolveram, permitindo entender as novas relações entre as artes e a incorporação de temas prosaicos e cotidianos. Além disso, novidades surgiram na estrutura do texto e, ainda mais, os gêneros literários puderam se mesclar entre si. E tem mais. Existe uma artimanha chamada "citação", parente de outra de nome "intertextualidade", que fazem muito sucesso; consistem na presença (literal ou não) de uma ideia ou trecho escrito por um autor, inserido direta ou indiretamente no texto de outro. Assim se dá a nossa modernidade. Afinal, como disse Friedrich Karl<sup>7</sup>, "o moderno e o modernismo se caracterizam pela linguagem em que se expressam."

E por falar nisso, chego ao assunto que me levou a lhe escrever e que vou abordar em duas partes: o gato "de almofada", bom, bonito e bonachão; e o gato visto como um

---

<sup>6</sup> Charles Baudelaire. "A arte filosófica".1998, p. 45.

<sup>7</sup> Frederick Karl, R. *O moderno e o modernismo. A soberania do artista 1885-1925*, 1988.

ser metafísico, expressando literariamente as visões e emoções do poeta.

Como o senhor sabe, os bichanos, são, indubitavelmente, a preferência universal: os egípcios, muito antigamente, já adoravam os gatos - tinham até uma deusa felina poderosa. Na Pérsia o gato preto fazia o maior sucesso. E claro, é do seu conhecimento que os gatos sempre estiveram presentes na literatura. O senhor mesmo escreveu em um pequeno poema em prosa - lembra-se? - que "Os chineses veem as horas nos olhos dos gatos."<sup>8</sup> Por aqui (no Brasil) na opinião de uma brilhante poeta, o gato é um "visitante de um tempo sacro (ou de um não tempo)."<sup>9</sup>

O senhor também dedicou a eles alguns poemas. Pois é, foi por intermédio de seu prezado amigo Théophile Gautier que fiquei sabendo de seu amor pelos seres miantes, e que era grande seu apego a esses "encantadores animais, tranquilos, misteriosos e doces"<sup>10</sup>. Claro que ele não cometeu nenhuma indiscrição em contar de seu apego aos bichanos, pois isso foi até publicado. Além disso, muitos outros escritores revelaram, de modos variados, certo chamego por esses animais. O que dizer de seu muito admirado colega Edgar Allan Poe que, apesar de ter descrito aquelas atrocidades feitas por um psicopata (creio que no seu tempo essa palavra não fosse conhecida, mas o senhor entende o que eu quero dizer, pois não?), foi reconhecido como um grande escritor. O pobre gatinho preto, apesar de sacrificado, ajudou a celebrar seu criador.

Muitos escritores, pelo mundo afora, dedicaram belas palavras a esses doces felinos em textos literários, mostrando o quanto os bichanos são sábios, amigos carinhosos,

---

<sup>8</sup> Charles Baudelaire, " O relógio". In: pequenos poemas em prosa. Disponível em: <http://pequenospoemasemprosa.blogspot.com.br/2011/01/o-relogio.html>

<sup>9</sup> Orides Fontela. Cf. em: [http://www.blocosonline.com.br/sites\\_pessoais/sites/lm/leg/leilagpo.htm](http://www.blocosonline.com.br/sites_pessoais/sites/lm/leg/leilagpo.htm)

<sup>10</sup> Théophile Gautier. "Sobre os gatos". Disponível em: <http://www.calendario.cnt.br/romance/baudelaire.htm>

voluntariosos e independentes - realmente eles só fazem o que querem e quando querem! -, e às vezes um pouco gatunos.

Mas monsieur, o senhor há de concordar comigo que os gatos têm um código de honra, têm "preceitos: a liberdade/ e um amor insubornável"<sup>11</sup>. A inteligência e a teimosia leva-os a isso e também a serem mal compreendidos.

A independência talvez seja o traço de maior destaque na personalidade desse felino. Mas o interessante é que ele sabe quem o ama e retribui com carinhos e suaves lambidas na pessoa amada. Por aqui, nosso querido poeta Ferreira Gullar diz que é falsa a ideia de que o gato não gosta do dono: "...ele é apenas mais sutil". E como categórica e sabiamente disse Elliot: "um gato não é um cachorro, mas também é fiel." Com isso fica desmitificada a exclusividade da tal fidelidade canina.

Por aqui temos muitos escritores que também dedicaram atenção literária aos bichanos. Até o maior nome de nossas Letras, Machado de Assis, meditando acerca desse assunto (gato) e considerando o seu modo de ser, declarou: "O gato, que nunca leu Kant, é talvez um animal metafísico".<sup>12</sup> Para a escritora Lygia Fagundes Telles, o gato é "Caviloso. Não existe melhor definição para a alma do felino." Luiz Ruffato, outro grande apreciador de gatos, diz que escritores e gatos se identificam por serem introspectivos e amigos do silêncio. Já o poeta Bartolomeu Correia de Melo diz que: "Para quem, nos felinos, aprecia, / a beleza, o carisma, o fino trato, / um simples gato pode ser poesia..."

Pois é: também de gato se faz um poema!

---

<sup>11</sup> Izacyl Guimarães Ferreira. As referências a escritores brasileiros e respectivas citações estão em: [http://www.blocosonline.com.br/sites\\_pessoais/sites/lm/leg/leilagpo.htm](http://www.blocosonline.com.br/sites_pessoais/sites/lm/leg/leilagpo.htm)

<sup>12</sup> Machado de Assis.

Monsieur, eu lhe escrevi esta carta para que soubesse que, mesmo estando em "qualquer lugar fora do mundo"<sup>13</sup>, seu legado literário vai continuar a ter seguidores.

Quanto aos gatinhos, sempre vai haver quem escreva poemas-gatos, mesmo que nos rastros de outros gatos...

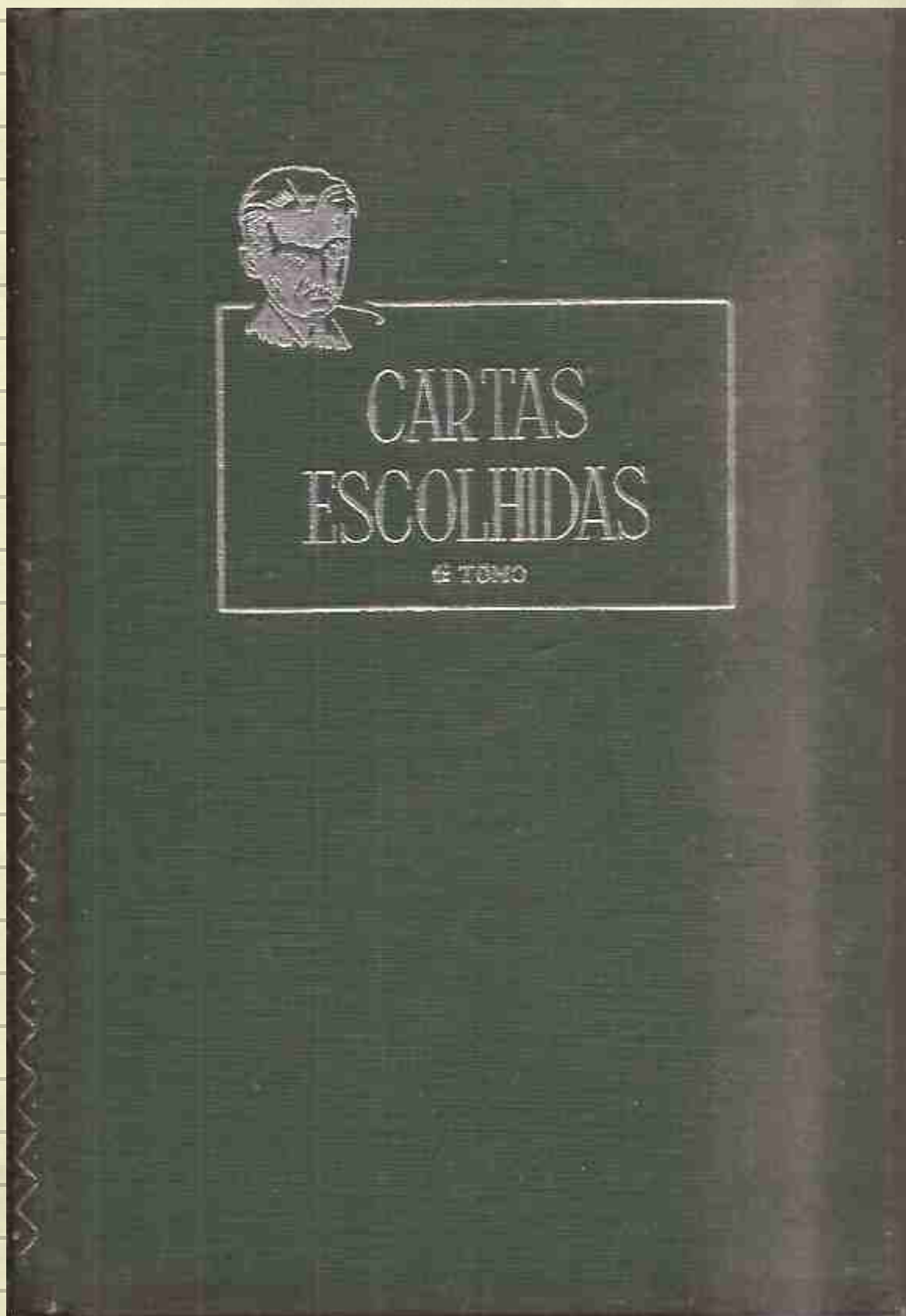
Paula Pires, sua admiradora.



---

<sup>13</sup> "Any where out of the world" (Em qualquer lugar fora do mundo). In: *Pequenos Poemas em Prosa* (Le Spleen de Paris) Disponível em: <http://pequenospoemasemprosa.blogspot.com.br/2011/04/any-where-out-of-world.html>





Recife, 06 de dezembro de 2013.

Caro amigo Monteiro Lobato,

Sabias que tenho cada vez mais lido teus livros e me encantado com tuas ideias sobre a educação de um indivíduo e o conseqüente desenvolvimento social de um país? Lamento muito as injustiças que alguns maus leitores, recorrentemente, têm cometido com tua obra, acusando-te de preconceituoso nas obras do Sítio do Pica-pau amarelo.

Acredito que isso se deve à inabilidade de leitura e de certa leviandade de repetidores de discursos, papagaios de academia. A dita *intelligentsia* brasileira, da qual tu mesmo já tinhas percebido a incompetência, é incapaz de apreender a riqueza do imaginário infanto-juvenil que criaste, bem como de entender o teu ideal pedagógico progressista que buscava educar como a vida educa – sem mascaramentos nem falseamentos mediocrizantes do conhecimento e da realidade. Isso porque, como sabiamente afirmaste, não é mentindo para as crianças que conseguiremos educá-las.

Bem, Lobato, a propósito do seu ideal pedagógico, gostaria de partilhar contigo minha reflexão sobre o que chamam de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. Esses termos para ti são desconhecidos (pois em teu tempo não existiam), mas a práxis deles te é bastante familiar. Explico-te: as histórias do Sítio, além de fomentar a fantasia do imaginário infantil, ensinam a seus jovens leitores Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e demais disciplinas e, ainda, dão conta de refletir sobre ética, moral, educação ambiental, entre outros temas que hoje são chamados transversais e são tão caros à pedagogia contemporânea.

Estamos atrasados, Lobato, e tu... tu estavas na vanguarda do teu tempo!

Meu caro Lobato, tu me auxiliaste a fundamentar ocm ideias e argumentos a minha vivência enquanto professora de literatura. Acredito que o ensino de Literatura, qualquer que seja o tema da aula, requer do professor a habilidade de se colocar como mediador entre o aluno e o conhecimento literário, com intuito de auxiliar no processo de construção da habilidade de leitor. Para tanto, as estratégias didáticas e instrumentos de avaliação podem e devem ser vários e dinâmicos desde que jamais se prescindia do contato direto com o texto literário.

Ressalto, por fim, que cada texto literário aponta ele mesmo, imanentemente, a estratégia mais adequada para sua abordagem analítica.

Quanto ao trabalho, interdisciplinar, a arte e, principalmente, a arte literária, por sua natureza múltipla e polissêmica, cobra do professor/pesquisador que ele esteja constantemente em contato com várias áreas do saber antropológico. Seja para análise, seja para o ensino, o estudioso da literatura precisa ser um eterno curioso por conhecimento sem restrições de áreas, pois os artistas estão a todo o momento pondo em xeque os limites do saber humano.

Cabe ao professor ser, antes de tudo, um leitor sempre sedento por mais leitura. Afinal, não foi esta a principal lição que deixaste em tua obra monumental: Um país se faz com homens e livros!

Findo esta carta, estimando-lhe a imortalidade de tua obra... que ela tenha sempre gerações futuras de leitores!

Sherry Almeida

Eis que voltei a este  
amado Colégio. Estou feliz  
nesta manhã azul. Como dizia  
Machado de Assis, "Esta é a glória  
que fica, eleva, honra e coroa"

Lygia Faquenda Telles

São Paulo, 15.5.10



Cartão Postal de Lygia Fagundes Telles  
 a Érico Veríssimo

Natal, 10 de agosto de 2016.

### Querida Lygia,

Por onde andam suas Invenções e Memórias? Por qual Conspiração de Nuvens tem caminhado sua imaginação? Peço desculpas porque já chego assim, cobrando, mas é que foi por meio de sua palavra que a conheci, e é através da escrita que você se eterniza e nos mobiliza. Além disso, sinto saudades. Saudade é mesmo uma doença permanente – crônica como a sede por literatura, por arte.

Frequentes, intensos, dramáticos e doces são os passeios que faço com suas Meninas, vagueando pelas Horas Nuas, dando-lhes as mãos por essa Ciranda de Pedra que a vida tem nos oferecido e mergulhando num calor aconchegante como um Verão no Aquário.

Durante Aquele Estranho Chá, a gente foi percebendo o quanto a ficção entra na memória e o quanto de memória pode caber na ficção. Produtivas ambiguidades, múltiplas possibilidades, aumento exponencial de caminhos – liberdades. E com esse pensamento, essa dúvida agradável sobre o que é a realidade, a gente silencia, e Apenas Um Saxofone ressoa pelo ar calado nessa Noite Escura e Mais Eu.

Ah, como Eu Era Mudo e Só antes de conhecer sua arte escrita que acolhe oralidades. Seus textos são A Presença, A Mão no Ombro que consola, conforta, desestabiliza, ensina, reconforta. Sua literatura humaniza e deixa o Coração Ardente; foi com ela que parei para pensar sobre A Estrutura da Bolha de Sabão; é por ela que faço A Caçada diária por experiências estéticas, éticas e metafísicas que dão pelo menos um pouco mais de nitidez à vida.

Deixo A Chave na Porta para que você venha quando bem desejar. Em breve verei seu centenário – imortal você já é. Suas décadas de vida me são um pomar de pêssegos. Por entre as prateleiras a encontro diariamente e a guardo de propósito ao lado de Clarice.

Peço às boas energias do Universo para que estejamos sempre livres de todo e qualquer Seminário de Ratos, porque toda essa lógica limitadora e essa política vil não nos atingirão.

“Tudo estava certo quando existia o amor”.

P.S.: Ainda não tive coragem nem ousadia para batizar nenhum gato meu de Raul. Acho que eu ficaria bêbado com a mística dessa presença. E arrepios não faltariam.

Alexsandro Lino

## QUADRILHA FELIZ

Mas e se João amar Raimundo  
e Teresa gostar de Lili?  
E se ninguém precisar se mudar  
nem ouvir a voz do convento  
tampouco se suicidar  
para agradar quem nunca entrará  
na história?

// Saulo Pessato



Quantas figuras cabem,  
aqui caindo de nossas bocas  
HÁ o desapego.  
amas meus olhos espinhos,  
sexuales organos, não  
para um tanto tosco o  
o ritmo que cruzou a avenida  
dos pronomes pessoais, afeto  
balbociar que há mais camas  
querendo salgar vossas mãos  
eu berrando te amo as agonias.

Folha Joyce





# FERNANDA MEIRELES

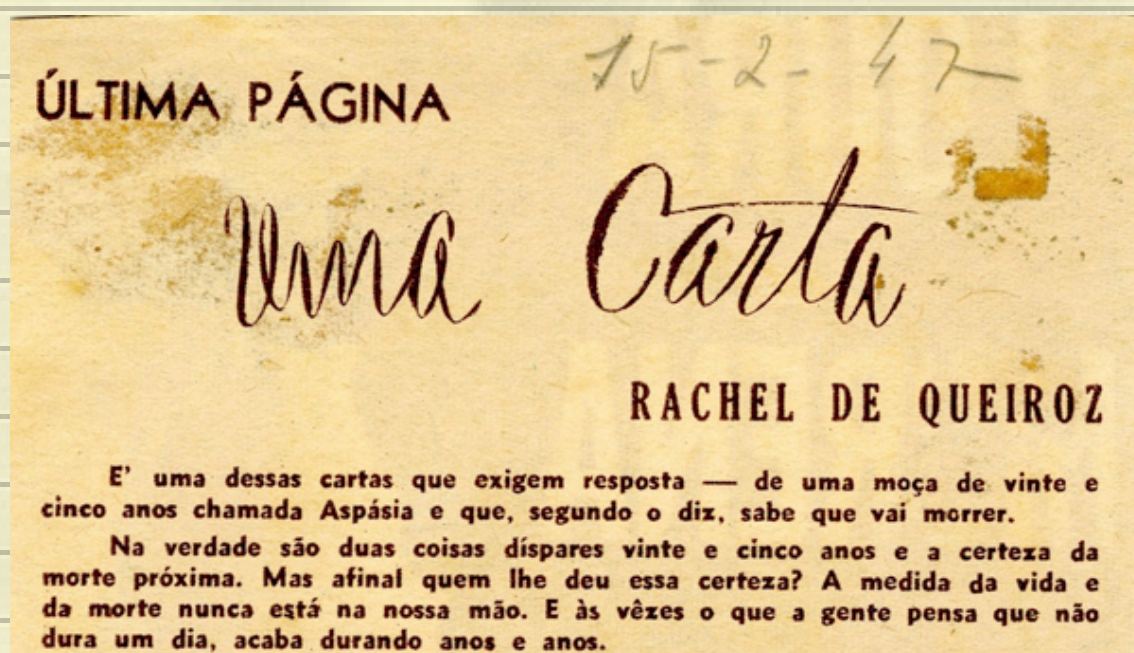




hoje  
o poeta  
dorme  
comigo

“Gosto de palavras na cara, de frases que doem. De verdades ditas (benditas!)”.

*Rachel de Queiroz*



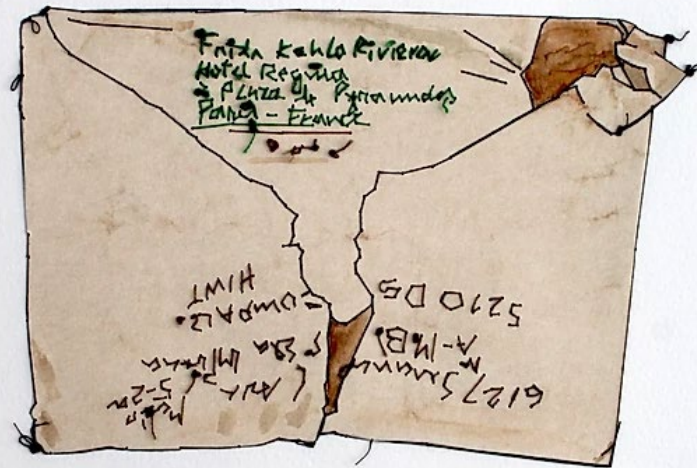
## CARTA AO LEITOR

*Por Carlos Emílio Corrêa Lima*

OBRA-MATER Um poço largo como um lago de profundidade espacial e vertical com uma parcela de quase todas as correspondências literárias e poéticas e de importância cultural do mundo flutuando seus selos, bilhetes, cartões-postais, leves retratos com escritos nos versos nessas águas de simultâneas superfícies virtuais. A poeta, estudiosa e pesquisadora maranhense Tânia Lima realizou empreendimento sem concorrentes na história de nossas publicações literárias. Agora não vai ser fácil imitar a sua façanha inalienável que ninguém havia realizado antes por aqui, quiçá no exterior. Uma revista, no caso aqui tratado, este número especial da revista literária virtual Mangles&Letras, monotemático, decididamente dedicada à arte das cartas, esse gênero literário íntimo e repleto, que soçobrou - também com quase tudo - no mundo de falso abismo do oceano sem segredos - e sem envelope protetor - da internet, porque é o que é, uma ironia milagrosa ele ser audaciosamente adicionado a navegar on line, esse artefato editorial originalíssimo que é uma antologia visual minimalista de escaneamento, um índice gráfico e meticulosamente poético das mais importantes séries de cartas de homens e mulheres expoentes da literatura brasileira e universal - e da música e das mais outras artes, é claro!, - e daqueles seres humanos imprescindíveis que realizaram grandes feitos em prol de suas coletividades muitas vezes e quase sempre, massacradas por medíocres e, esses descartáveis para sempre, incultos algozes... São cartas e mais cartas endereçadas ao poético, realizando uma panorâmica de estética vertigem pelo universo das cartas entre artistas de todas as condutas ou cultíssimos ativistas, ou rebeldes de alta cultura libertária, o mais humano e curioso, magnético e atraente, dos gêneros literários.

Vocês irão se deparar com muitas coisas-gema, até uma carta do escritor de literatura fantástica, Nilto Maciel, escrita para mim nos anos 70 e que fala de muitos assuntos ao mesmo tempo como era o seu modo muito denso de escrever quando ele então vivia criativamente nesse mundo vário. Tania Lima passou 4 anos pesquisando o universo-origami das cartas para realizar essa artesanauta aracnidéia concreta desse novo número de sua revista, essa obra editorial imp' revista e, esplendidamente única e , de agora pra frente ,fonte inimitável. Era para sair agora num álbum impresso, e numa versão ainda poderosamente maior, pois sabe-se que a autoreditora não pode colocar nem três mil essências das milhares de sabedoria ,inteligência, amor coragem e sentimento de tudo o que achou e selecionou nesses 4 anos de aplicada e caligráfica aventura para fazer a maior revista viva do mundo.Revista respiratória. Das vidas ,das histórias unânimes de vidas que modificaram e melhoraram a vida com esforço , luta, engenho, energia, glória, e beleza .Revista escrita e datilografada por fada compositora das formigas de asas da chuva alada da memória.As pequena asas de formiga da chuva guardadas em terno segredo no interior de saquinhos de frágil papel de seda como se para chás de criação de sonhos encontrei dentro dessa revista-tchibum!





Alexander de la  
2016



REMETENTE

22 MANDOU BEM

ENDEREÇO

RUA da Verdadeira sem sair Nem Beira, N° 171

9090